

AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018 E 2022 EM MATO GROSSO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE TAMANHO DA POPULAÇÃO E REFLEXIVIDADE

THE 2018 AND 2022 PRESIDENTIAL ELECTIONS IN MATO GROSSO: SOME CONSIDERATIONS ABOUT POPULATION SIZE AND REFLEXIVITY

Rogério Makino¹

RESUMO. Esse artigo investiga se o tamanho da população de um município é uma variável que interfere na probabilidade de um eleitorado rejeitar um candidato de uma eleição para outra. Os dados empíricos analisados foram os votos dos municípios mato-grossenses nos segundos turnos das eleições de 2018 e 2022 para Jair Bolsonaro para presidente da república. Nas dez cidades mais populosas do Estado, os dados não permitem descartar essa possibilidade, pois o incumbente perdeu votos em termos proporcionais. Além disso, aparentemente a proximidade com Cuiabá – metrópole estadual – também é uma hipótese a ser considerada como interveniente na variação dos votos.

PALAVRAS-CHAVE: Bolsonaro. Mato Grosso. Reflexividade. Tamanho da População.

ABSTRACT. This article investigates if the population size of a municipality is a variable which interferes in the probability of a constituency to reject a candidate from one election to another. The votes for Jair Bolsonaro in the second turn of 2018 and 2022 elections in the municipalities of Mato Grosso were analyzed comparatively. The investigated variable cannot be refuted since Bolsonaro lost proportional votes in the ten most populated cities in the State. Besides, apparently the proximity to Cuiabá – State metropolis – is a hypothesis to be considered to interfere in variation of his votes.

KEY-WORDS: Bolsonaro. Mato Grosso. Reflexivity. Population size.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, de caráter exploratório, tem o objetivo de investigar as variações nos votos para Jair Bolsonaro para presidente da república nos

¹ Doutor em Ciências Sociais e Professor da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT)

municípios mato-grossenses, a partir da hipótese de que o tamanho da população de uma cidade é uma variável importante. Em outras palavras, o problema de pesquisa investigado é: a partir dos dados eleitorais dos municípios mato-grossenses, é possível afirmar que o tamanho populacional condiciona tendências eleitorais?

A abordagem metodológica é de natureza mista, qualitativa e quantitativa, tendo como referência os números dos segundos turnos das eleições majoritárias presidenciais de 2018 e 2022, obtidos do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). As comparações levam em consideração os números absolutos e relativos dos votos. Complementarmente, foi usado o coeficiente de Pearsons (BARBETTA, 2002) para buscar correlações entre as variáveis exploradas.

A proposta inicial da pesquisa era analisar a variação das votações do ex-presidente Bolsonaro nas duas eleições mencionadas à luz de uma abordagem da Sociologia Urbana, especialmente a partir do conceito de reflexividade - a capacidade de mudança discursiva e atitudinal diante de novas informações (GIDDENS, 1991). No entanto, um modelo explicativo que pressupõe uma coletividade reflexiva envolve um grande número de variáveis sociais, políticas, ideológicas e informacionais. Nesse sentido, preferiu-se uma pesquisa de natureza exploratória a um modelo explicativo.

Sociologia Urbana, Cosmopolitismo e Reflexividade

Na Sociologia Urbana, é comum associar o ambiente urbano do tipo “metrópole” e um padrão de sociabilidade mais racionalizado no sentido instrumental, ou de meios orientados a fins, na linguagem weberiana. Um dos pioneiros nessa interpretação é Georg Simmel (1858-1918), pensador social alemão, que identifica nas grandes cidades uma maior disposição à objetividade e ao cálculo custo-benefício, que seria feito de forma mais direta e em uma lógica individualista (WAIZBORT, 2013, p. 318-323). Em outras palavras, é como o indivíduo fosse mais inclinado a perceber seus próprios interesses e persegui-los, mudando de posição ou discurso, sem estar amarrado pela tradição ou do controle social por meio da “opinião dos outros”. Seria um ambiente menos hostil para quem vive e pensa diferente. Nas cidades pequenas, na contramão, em meio ao peso da tradição e do olhar controlador dos vizinhos e conhecidos que se vigiam reciprocamente e tentam conformar suas ideias mutuamente, as mudanças de posição e de discurso seriam mais difíceis.

Também Louis Wirth (1897-1952), em seu clássico “O Urbanismo² como Modo de Vida”, defende que quanto maior a densidade populacional e maior a heterogeneidade de sua composição, tanto maior a sua característica “urbana” seria acentuada, o que implicaria maior complexidade, maior dinamicidade e maior abertura para o novo e o diferente (SILVA, 2009, p. 79-87). Os valores urbanos-cosmopolitas seriam avessos à homogeneização, ao provincianismo, ao paroquialismo, ao reacionarismo ou a um tradicional-conservadorismo petrificado. Nessa mesma perspectiva, além de menos conservadoras, as cidades seriam um ambiente mais reflexivo, mais moderno.

Há na Sociologia uma obsessão com as discussões sobre a modernidade, mesmo porque, para muitos, essa é uma ciência que versa preferencialmente sobre as sociedades modernas em detrimento das sociedades tradicionais³. Giddens defende que o que diferencia esses dois tipos de sociedade é o grau de reflexividade.

“A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que apenas as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz da informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. (...) somente na era da modernidade a revisão da convenção é radicalizada para se aplicar em princípio a todos os aspectos da vida humana.” (Giddens, 1991, p. 39)

Em outras palavras, a reflexividade pressupõe a possibilidade de mudanças dos discursos hegemônicos circulantes e das ações orientadas por eles, mediante novas informações. Nesse sentido, uma das possibilidades de observar a reflexividade no aspecto político nas sociedades democráticas seria nas mudanças de preferência por candidatos ou partidos de uma eleição para outra.

A premissa central dessa Sociologia Urbana é que as grandes metrópoles encabeçam a modernidade e a reflexividade, tornando-as mais refratárias aos discursos reacionários, ultraconservadores ou fascistas. Não se quer dizer com isso que essas cidades sejam incapazes em dar seus votos a candidatos mais à direita

² Na discussão de Silva (2009), com base em uma tradução brasileira, fala-se em “urbanismo” como o conceito que captura o sentido na vida da cidade grande. O termo, no entanto, é reivindicado por outras áreas do conhecimento como na Arquitetura e na Construção Civil. Na terminologia atual, o urbanismo de Wirth se aproxima do conceito de metropolitismo ou cosmopolitismo. Há outras traduções em que o termo é traduzido por “fenômeno urbano”. Outra alternativa seria traduzir o conceito de Wirth por urbanidade.

³ As sociedades modernas são definidas de muitas formas, mas, quase sempre, em contraposição às sociedades tradicionais. Entre os sociólogos clássicos, Émile Durkheim entendia a diferenciação social e complexização como o processo que intermedeia a sociedade tradicional e moderna, enquanto Max Weber identificava no processo de racionalização e Karl Marx nas dinâmicas de acumulação de capital, especialmente na industrialização.

no espectro político, mas que em comparação a cidades pequenas e mais interioranas, a probabilidade seria menor ou a fidelidade a um político conservador que não atinge as expectativas é menor.

Há evidências empíricas de casos contemporâneos que corroboram essa premissa. No plebiscito sobre o Brexit, saída do Reino Unido da União Europeia, essa pauta nacionalista encabeçada por políticos conservadores não venceu em Londres – a maior metrópole britânica (THOMPSON, 2017). Nas eleições de 2016 nos Estados Unidos, Donald Trump era mais rejeitado nas regiões metropolitanas do que em distritos mais ruralizados e que, de 2016 para 2020, essa tendência se acentuou ainda mais (ALBRECHT, 2022). Essa tendência pode ser observada, em algum grau, em outros casos com políticos (ou partidos) demagogos de extrema direita, como Viktor Orbán na Hungria ou o PiS4 na Polônia.

Quadro 1 - Votos em 2022 e Redução de Votos em Bolsonaro (cidades selecionadas)

Maiores Cidades	Votos em Bolsonaro (2º turno/2018)	Votos em Bolsonaro (2º turno/2022)	Diferenças (Pontos Percentuais)
São Paulo – SP	60,38%	46,46%	- 13,92
Rio de Janeiro – RJ	66,35%	52,66%	- 13,69
Brasília – DF	69,99%	58,81%	- 11,18
Salvador – BA	31,41%	29,27%	- 2,14
Fortaleza – CE	44,39%	41,82%	- 2,57
Belo Horizonte – MG	65,59%	54,25%	- 11,34
Manaus – AM	65,72%	61,28%	- 4,44
Curitiba – PR	76,54%	64,78%	- 11,76
Recife – PE	47,50%	43,68%	- 3,82
Goiânia – GO	74,20%	63,95%	- 10,25

FONTE: Organizado pelos Autores a partir dos dados do TSE (2018, 2022).

No Brasil, como um todo, Bolsonaro obteve 55,13% dos votos válidos em 2018 e 49,10% em 2022, ou seja, houve uma queda de 6,03 pontos percentuais. No entanto, nos números absolutos aumentou de 57.797.847 votos para 58.206.322,

⁴ PiS (abreviação de Prawo i Sprawiedliwość, em português: Lei e Justiça) é um partido político nacional conservador da Polônia, considerado por muitos como de Extrema Direita.

devido ao aumento do quantitativo total do eleitorado no país nesses quatro anos, mas também em função da queda da abstenção na última eleição.

No quadro 1, acima, observa-se que Bolsonaro diminuiu sua votação em segundo turno de uma eleição para outra em todas as dez maiores cidades do Brasil. Em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Curitiba e Goiânia, nas quais Bolsonaro havia tido uma votação muito grande em 2018, caiu mais de dez pontos percentuais em 2022. Em capitais nordestinas, nas quais a votação já havia sido relativamente baixa em 2018, a queda foi menor. Já Manaus mereceria um estudo de caso à parte, pois nela o favoritismo de Bolsonaro mostrou grande resiliência, mesmo tendo sido uma das cidades mais afetadas pela pandemia de COVID-19 e sofrendo com negligência governamental. Além disso, o interior do Estado do Amazonas apresenta um perfil antibolsonarista.

Mato Grosso e Conservadorismo

O Mato Grosso é um Estado pouco povoado, com 903.357 km² de área (maior que a de países como França, Alemanha ou Espanha) e de 3,7 milhões de habitantes⁵, com uma densidade populacional de pouco mais de 4 habitantes por km² (IBGE, 2022). É uma densidade baixa, quando comparada aos 523 habitantes/km² do Distrito Federal ou aos 394 habitantes/km² do Rio de Janeiro. Apenas uma cidade em Mato Grosso tem mais de 500 mil habitantes (Cuiabá) e duas com mais de 200 mil habitantes (Várzea Grande e Rondonópolis). Em suma, não é um Estado que poderia ser caracterizado com metrópoles nacionais ou com um espírito cosmopolita. Pelo contrário, a força de uma cultura rural é muito marcada. Na terminologia sociológica, os processos ocorridos no Mato Grosso nas últimas décadas são associados aos fenômenos da modernização conservadora, em que é introduzida tecnologia de ponta nos processos produtivos, mas se conservam os padrões sociais e culturais (CANUTO, 2012).

É válido mencionar que o Estado tem como matriz econômica o agronegócio, uma agricultura monocultora baseada na grande propriedade voltada para a exportação, de modo que suas elites não podem ser dissociadas de valores, ideias e crenças do mundo rural. O rural aqui se refere a uma sociedade mais inclinada para o tradicional ou com uma reflexividade menos radicalizada. Por sua vez, mesmo as cidades acabam reverberando uma ideologia mais rural, tradicional, provinciana e conservadora.

Mato Grosso nunca deu a maioria de seus votos para um candidato situado ideologicamente à esquerda para a Presidência da República. Em 1989, a maioria

⁵ Prévia do Censo 2022, publicada pelo IBGE em dezembro de 2022.

dos votos foi em Fernando Collor de Melo. Em 1994 e em 1998, em Fernando Henrique Cardoso. Em 2002, em José Serra. Em 2006, em Geraldo Alckmin. Em 2010, em José Serra. Em 2014, em Aécio Neves. Mais recentemente, em 2018, 66,42% (1.085.850 eleitores) votaram em Bolsonaro e, em 2022, 65,08% (1.216.730 eleitores) votaram no candidato de extrema direita (TSE).

Em 2018, dos 141 municípios mato-grossenses, apenas 19 não deram a maioria dos votos a Bolsonaro no segundo turno: Barão de Melgaço, Porto Estrela, Nossa Senhora do Livramento, General Carneiro, Poconé, Ponte Branca, Santa Terezinha, Jangada, Campinópolis, Alto Paraguai, Acorizal, Rondolândia, Nova Brasilândia, Santo Antônio de Leverger, Rosário Oeste, Nova Nazaré, Poxoréu, Planalto da Serra e Tesouro.

Um ponto importante é que em pesquisa anterior (referência intencionalmente ocultada), com base em metodologia quantitativa de correlação entre variáveis mensurada por coeficiente de Pearson, identificou-se uma correlação entre autoidentificação étnico-racial e bolsonarismo: quanto maior a proporção de autoidentificados como brancos no Censo 2010/IBGE, tanto maior a proporção de votos para Bolsonaro no segundo turno de 2018. O coeficiente foi superior a + 0,7 em uma escala que vai de - 1,0 a +1,0.

Em 2022, 19 não deram a maioria de seus votos a Bolsonaro: Araguainha, Nossa Senhora do Livramento, Porto Estrela, Poconé, Barão de Melgaço, Ponte Branca, Alto Paraguai, Jangada, Campinópolis, Santa Terezinha, Acorizal, Santo Antônio do Leverger, Tesouro, Nova Olímpia, Rosário Oeste, Nova Brasilândia, Planalto da Serra e Nortelândia. Entre eles, 15 já haviam dado a maior parte de seus votos tinham sido no adversário de Bolsonaro em 2018.

Os Municípios Mato-Grossenses e seus Padrões de Votação

No Estado de Mato Grosso, como um todo, Bolsonaro variou negativamente do segundo turno de 2018 para o de 2022 em 1,34 pontos percentuais (de 66,42% para 65,08%), embora o quantitativo total tenha aumentado⁶ (de 1.085.824 votos para 1.216.730). Entre as maiores cidades, todas variaram negativamente, mas apenas as vizinhas Sinop, Sorriso e Lucas do Rio Verde variaram abaixo da redução estadual em pontos percentuais. Além da proximidade geográfica, elas compartilham uma base econômica (monocultura de larga escala de soja voltada para exportação), uma formação social (primeiros colonos oriundos do Sul do Brasil), uma história similar (fundadas na década de 1970) e o fato de estarem entre os municípios que mais crescem econômica e demograficamente no Estado.

⁶ Isso se explica pelo aumento do número total de eleitores do Estado de 2018 para 2022.

Quadro 2 – Municípios Mais Populosos de Mato Grosso e Variação na Proporção de Votos Válidos de Bolsonaro no Segundo Turno de 2022 em relação ao de 2018

Município	População (IBGE/2021)⁷	Variação de Votos Bolsonaro (pontos percentuais)	Variação dos Votos em Bolsonaro (números absolutos)
Cuiabá	623.614	- 5,44	- 8.290
Várzea Grande	290.383	- 3,20	- 2.766
Rondonópolis	239.613	- 3,79	+ 8.586
Sinop	148.960	- 0,43	+12.770
Tangará da Serra	107.631	- 3,79	+ 4.143
Cáceres	95.339	- 2,76	+ 1.256
Sorriso	94.941	- 1,14	+ 8.761
Lucas do Rio Verde	69.671	- 0,70	+ 5.025
Primavera do Leste	63.876	- 2,81	+ 4.524
Barra do Garças	61.702	- 2,93	+ 2.555

FONTE: Elaborado pelos autores com base nos dados do TSE e do IBGE.

Sobre a variação em números absolutos em Bolsonaro, apenas as duas maiores cidades de Mato Grosso na tabela acima - Cuiabá e Várzea Grande – registraram redução nos votos. Não se pode esquecer que essas duas cidades, na prática, formam um único complexo urbano integrado de cerca de 900 mil habitantes⁸ (IBGE/2021), pois se trata de uma conurbação. Além disso, é válido mencionar que houve diminuição dos números absolutos de votos em Bolsonaro em algumas poucas cidades pequenas no interior: Poconé, Indiavaí, Santa Terezinha, Ponte Branca, Planalto da Serra, Jauru e Campinápolis. Em alguns casos,

⁷ População estimada pelo IBGE para 2021. Os resultados finais do Censo ainda não foram publicados, na época da elaboração dessa pesquisa.

⁸ A prévia do Censo 2022 publicada pelo IBGE aponta para mais de 1 milhão de habitantes.

isso está relacionado com a diminuição do quantitativo do eleitorado do município por cancelamento ou transferência de títulos de eleitor.

Quadro 3 – Municípios Menos Populosos de Mato Grosso e Variação na Proporção de Votos Válidos de Bolsonaro no Segundo Turno de 2022 em relação ao de 2018

Município	População (IBGE/2021)	Variação de Votos em Bolsonaro (pontos percentuais)	Variação dos Votos Bolsonaro (números absolutos)
141º Araguainha	909	- 5,91	+ 36
140º Ponte Branca	1525	+3,17	- 205
139º Serra Nova Dourada	1705	+ 4,01	+ 198
138º Luciara	2036	- 1,24	+ 136
137º Ribeirãozinho	2439	+0,98	+ 164
136º Planalto da Serra	2637	+ 0,46	- 13
135º Santa Cruz do Xingu	2700	- 1,41	+ 217
134ª Reserva do Cabaçal	2754	-1,09	+ 30
133º Novo Santo Antônio	2769	+ 9,81	+ 229
132º Porto Estrela	2794	+ 3,25	+119

FONTE: Elaborado pelos autores com base nos dados do TSE e do IBGE.

Entre os municípios menos populosos do Estado, não há um padrão claro de aumento ou diminuição em termos de pontos percentuais. Nesse sentido, ao se aplicar a fórmula estatística de correlação entre as variáveis tamanho da população e variação em pontos percentuais para todos os municípios, o coeficiente de Pearsons é -0,25. Isso significa uma correlação inversa fraca, o que pode ser interpretado como indicativo fraco de que quanto menos populoso, maior a tendência de Bolsonaro ter ampliado a proporção de votos válidos de uma eleição para outra. É como, com exceção dos 10 municípios mais populosos, o tamanho da população não fosse uma variável suficiente para explicar a variação na proporção dos votos válidos de segundo turno de 2018 para o de 2022. No

entanto, é importante mencionar que apenas 5 dos 141 municípios tem mais de 100 mil habitantes, estando a maioria (quase 130 municípios) abaixo de 50 mil habitantes, ou seja, pouco populosos. Do ponto de vista sociológico, os padrões de sociabilidade – especialmente no que se refere a autovigilância mútua e conformidade – não se alteram tanto em cidades que estão abaixo de 50 mil habitantes⁹ (BRYM et al, 2006, 480-481).

Quadro 4 – Cidades em que Bolsonaro teve maior redução de votos comparando os segundos turnos de 2018 e 2022 (em pontos percentuais)

Município	População (IBGE/2021)	Varição em Pontos Percentuais	Varição de em Votos Números Absolutos	Distância de Cuiabá (em kms)
1 Indiavaí	2.806	- 8,57	- 29	260
2 Araguainha	909	- 5,91	+ 36	355
3 Alto Taquari	11403	- 5,74	+ 412	390
4 Cuiabá	623614	- 5,44	- 8290	0
5 Nova Marilândia	3332	- 4,80	+ 102	165
6 Nortelândia	5858	- 4,21	+5	150
7 Rondonópolis	239613	- 3,79	+8586	183
8 Tangará da Serra	107631	- 3,79	+ 4143	187
9 Campo Verde	44033	- 3,60	+ 1588	99
10 Arenópolis	9399	- 3,60	+ 278	150

FONTE: Elaborado pelos autores com base nos dados do TSE e do IBGE.

Entre os municípios em que Bolsonaro mais variou negativamente em pontos percentuais, estão três dos mais populosos: Cuiabá, Tangará da Serra e Rondonópolis. Mas também há o menor município mato-grossense, Araguainha, e outros pouco populosos. A diminuição em números absolutos só é observada em

⁹ Esse é um ponto controverso: delimitar em termos numéricos de população, o que seria uma cidade pequena e como o quantitativo afeta os padrões de sociabilidade. O sociólogo Erving Goffman (2010, p. 147), em seu livro “Comportamento em Lugares Públicos”, usa a expressão “linha de aceno” para ilustrar essa questão. Em cidades pequenas, é “obrigatório” cumprimentar (acenar) quando se encontra outra pessoa, mas em cidades maiores, não é necessário cumprimentar, mesmo sendo vizinhos ou conhecidos.

Cuiabá e Indiavaí. Em alguns municípios, esses números aumentaram em termos de milhares.

Observou-se também que, entre os municípios que Bolsonaro teve a menor proporção de votos válidos no segundo turno das eleições de 2022, muitos estavam na Baixada Cuiabana (Poconé, Nossa Senhora do Livramento, Santo Antônio do Leverger, Barão de Melgaço, Jangada, Acorizal, Rosário Oeste etc.). Isso poderia sugerir que a proximidade com Cuiabá/Várzea Grande, única região metropolitana e populosa, é uma variável que poderia interferir. É válido lembrar que, depois da capital mato-grossense, as metrópoles mais próximas seriam Goiânia – GO e Campo Grande – MS, cada uma a mais de 300 kms de distância das fronteiras com Mato Grosso.

Quadro 5 - Cidades em que Bolsonaro teve maior aumento de votos comparando os segundos turnos de 2018 e 2022 (em pontos percentuais)

Município	População (IBGE/2021)	Varição (em pontos percentuais)	Distância de Cuiabá (em km, em linha reta)
1 General Carneiro	5726	+13,74	357
2 Rondolândia	4069	+10,47	786
3 Novo Santo Antônio	2769	+ 9,81	660
4 Cotriguaçu	20717	+ 9,03	680
5 Bom Jesus do Araguaia	6830	+ 8,71	623
6 União do Sul	3455	+ 8,54	490
7 Colniza	41117	+ 7,17	760
8 Castanheira	8782	+ 6,53	560
9 São José do Xingu	5646	+ 6,49	645
10 Juruena	16811	+ 6,10	640

FONTE: Elaborado pelos autores com base nos dados do TSE e do IBGE.

Aparentemente, nos casos extremos – municípios em que Bolsonaro mais variou positiva ou negativamente em pontos percentuais –, percebe-se que a distância entre a sede do município e a região metropolitana de Cuiabá se apresenta como uma variável que não pode ser descartada. O fato é que Bolsonaro ganhou mais pontos percentuais em municípios estavam a mais de 450 km de Cuiabá, com exceção de General Carneiro (ver Quadro 5). Já quando se

observam os municípios em que ele mais perdeu, todos estavam a menos de 400 kms da capital (ver Quadro 4). Isso permite levantar a hipótese de que não é a característica metropolitana ou cosmopolita de uma cidade que condiciona sua reflexividade política, mas também a proximidade geográfica com uma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em âmbito nacional, se a variação negativa dos votos em Bolsonaro do segundo turno da eleição de 2018 para o de 2022 for considerada uma forma operacionalizada de reflexividade política, é possível afirmar que foi observada reflexividade nas maiores cidades do Brasil. De forma análoga, os municípios mato-grossenses mais populosos também registraram uma variação negativa na proporção de votos válidos dados a Jair Bolsonaro.

Apenas em Cuiabá e Várzea Grande (primeira e segunda cidades mais populosas do Estado), houve diminuição nos votos totais dados ao candidato de extrema direita. Isso quer dizer que na maioria dos outros municípios populosos, os votos anti-Bolsonaro cresceram proporcionalmente mais do que os votos pro-Bolsonaro. Essa relação entre tamanho da população do município e queda na proporção de votos ao candidato de extrema direita não é linear. É um fenômeno que se observa de forma mais clara nas cidades mais populosas.

Além disso, é importante ressaltar que, a partir dos dados levantados da pesquisa, pôde-se identificar outra variável associada que é a proximidade a capital do Estado. A tendência é que quanto mais próximo geograficamente com a região metropolitana, maior a probabilidade de reproduzir os seus padrões de reflexividade política.

Por fim, embora essa pesquisa tenha sido balizada por marcos teóricos da Sociologia Urbana que podem ser considerados antigos em sua tentativa de apreender as características das grandes cidades, eles ainda têm um potencial de aventar hipóteses e buscar interpretações para fenômenos urbanos e políticos.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, Don E. Donald Trump and Changing Rural/Urban Voting Pattern. **Journal of Rural Studies**, vol. 91, april 2022, pp. 148-156.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. Editora da UFSC, 2002.

BRYM, Robert J. et al. **Sociologia: uma bússola para um novo mundo**. Thompson, 2006.

CANUTO, Antônio. **Agronegócio**: a modernização conservadora que gera exclusão pela produtividade. *Revista Nera*, n. 5, p. 1-12, 2012.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. Editora UNESP, 1991.

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em Lugares Públicos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Prévía do Censo 2022. Acessado em 10 de janeiro de 2023. Disponível em: <<http://censo2022.ibge.gov.br>>.

SILVA, Ângelo. **Sociologia Urbana**. Curitiba: IESDE-Brasil S.A., 2009.

THOMPSON, Helen. **How the City of London Lost at Brexit**: a historical perspective. *Economy and Society*, v. 46, n. 2, p. 211-228, 2017.

TSE -Tribunal Superior Eleitoral. Resultado das Eleições. Acessado em 10 de janeiro de 2023: . Disponível em: <resultados.tse.jur.br/oficial>.

WAIZBORT, Leopoldo. **As Aventuras de Georg Simmel**. São Paulo; Editora 24, 2013.

O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO E A FILOSOFIA DO BEM VIVER

THE CONCEPT OF DEVELOPMENT AND THE PHILOSOPHY OF GOOD LIVING

Ana Paula Silva de Andrade¹⁰

Sandro Benedito Sguarezi¹¹

Sonia Aparecida Beato Ximenes de Melo¹²

RESUMO. Esse trabalho busca delinear uma breve discussão sobre o conceito de desenvolvimento sob duas abordagens: a ocidental eurocêntrica, influenciada pelo colonialismo e pelo capitalismo, estreitamente relacionada à fatores econômicos e a abordagem do Bem Viver, filosofia inspirada nos movimentos indígenas andinos que versa sobre o resgate dos saberes originários e da harmonização das relações com a natureza, como forma de enfrentamento à crise socioambiental global. Como procedimento metodológico utilizou-se a revisão bibliográfica, que consistiu na busca e análise da produção científica sobre o tema em publicações, em uma construção analítica que buscou evidenciar outra abordagem para o desenvolvimento, que engloba e destaca a relação entre o meio ambiente e o bem-estar social.

PALAVRAS- CHAVE: Desenvolvimento. Colonialismo. Buen Vivir.

ABSTRACT. This work seeks to outline a brief discussion on the concept of development under two approaches: the Western Eurocentric, influenced by colonialism and capitalism, closely related to economic factors, and the Good Living approach, a philosophy inspired by the Andean indigenous movements that deals with the rescue of original knowledge and the harmonization of relationships with nature, as a way of facing the global socio-environmental crisis. As a methodological procedure, a bibliographical review was used, which consisted of the search and analysis of scientific production on the subject in publications, in an

¹⁰ Servidora Pública, bióloga e Mestre em Ambiente e Sistemas de Produção Agrícola pela Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT.

¹¹ Administrador, Pesquisador e Professor dos Programas de Pós-graduação em Ciências Ambientais e de Educação da Universidade do Estado do Mato Grosso.

¹² Contadora, Prof. Adjunta da Universidade do Estado do Mato Grosso e Doutora em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT).

analytical construction that sought to highlight another approach to development, which encompasses and highlights the relationship between the environment and the environment. social welfare.

KEYWORDS. Development. Colonialism. Buen Vivir.

INTRODUÇÃO

O conceito de *desenvolvimento* tem, ao longo do tempo, alimentado diálogos e confusões interdisciplinares e é tal seu potencial de estabelecer pontes ou rupturas entre a teoria e a prática que, em sua abordagem, frequentemente, torna-se árduo delinear fronteiras entre a ideologia, a doutrina, a utopia e as práticas sociais (AMARO, 2003).

De modo geral, sugere um processo progressivo de mudança, que se baliza nas concepções sociais que delimitam os diferentes paradigmas que tomam o desenvolvimento como mote (SANTOS; DARIDO, 2021). À vista disso, mais que a definição de sentido do termo importa delinear quais foram as bases históricas que determinaram tais concepções e como elas influenciam a compreensão de desenvolvimento no mundo moderno.

Nas sociedades ocidentais, há o amplo uso do termo desenvolvimento enquanto uma construção que designa vários aspectos relacionados ao bem-estar da humanidade, mas que por bastante tempo esteve associada apenas ao fator crescimento econômico (SOARES JÚNIOR; QUINTELLA, 2008).

Tal vinculação se deu em virtude da lógica de que uma expansão de riqueza contribuiria para as condições de vida das pessoas - no sentimento de que o bom é quando se tem mais - que legitimou como desenvolvidas as sociedades capazes de produzir continuamente (SEN, 1988; OLIVEIRA, 2002).

Dessa forma, segundo critérios econômicos, quanto mais riqueza material a sociedade possui, mais desenvolvida ela será considerada. No entanto, as condições demonstram que esse pensamento não conduziu necessariamente ao bem-estar social (BENVENUTI, 2008), especialmente se observada a análise de Furtado (1974), na qual o desenvolvimento econômico pautado nos padrões de consumo dos países desenvolvidos, se universalizado, resultaria em colapso do sistema econômico devido à pressão ambiental sobre os recursos não-renováveis e os elevados custos para controle da poluição.

Considerando esses pontos, ao longo do tempo, o conceito de desenvolvimento foi sendo construído com base em três visões paradigmáticas: desenvolvimento como crescimento econômico, desenvolvimento como satisfação das necessidades básicas e desenvolvimento como elemento de sustentabilidade socioambiental (SANTOS *et al.*, 2015), ressaltando-se a particularidade fundamental de que as divergências existentes entre essas

concepções não são excludentes e se complementam, na verdade, em alguns pontos (SCATOLIN, 1989).

Surge dessa forma a necessidade de se qualificar o desenvolvimento, visando, como efeito imediato, pensar e debater o futuro da humanidade (VARGAS *et al.*, 2016). Assim, se o desenvolvimento deve resultar do crescimento econômico acompanhado de melhoria na qualidade de vida (OLIVEIRA, 2002) e a qualidade de vida é um conceito influenciado por vários fatores, um dos quais a qualidade do meio ambiente (HAJDUOVÁ *et al.*, 2014), há que se equacionar a dinâmica entre desenvolvimento, crescimento econômico, qualidade de vida e meio ambiente.

Na prática, porém, pode-se igualmente afirmar que tanto a falta de acesso adequado à infraestrutura e serviços ambientais como água e sistemas de saneamento afetam a vida das pessoas quanto o processo de urbanização como efeito do desenvolvimento do meio urbano resulta em intensa manipulação do ambiente natural, chegando a praticamente desvincular o ser humano de seu relacionamento com a natureza (KELES, 2011; FORATTINI, 1991).

Assim, a crise de caráter sistêmico e civilizatório desencadeou um movimento de questionamento da lógica capitalista que pressupõe a mercantilização da vida, da natureza e dos conceitos e oportunizou o debate sobre modelos alternativos de desenvolvimento, pautado pela possibilidade de se viver fora dos parâmetros de bem estar definidos pela modernidade ocidental eurocêntrica, capitalista e colonial, voltando-se às questões de espiritualidade, natureza, modos de vida e consumo, política e ética (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017a; ; RODRIGUES *et al.*, 2021; SAMPAIO *et al.*, 2017).

Na América Latina, a reação ao conceito de desenvolvimento sob a ótica eurocêntrica registrou-se especialmente pela crítica de vários pensadores do sul global que se dedicaram a escrever sobre a situação de dependência da região com o norte global e que buscaram apontar alternativas, como a reflexão sobre o sentido de *Bem Viver*, modelo alternativo de desenvolvimento, expressão cuja gênese advém dos povos indígenas da região andina e que constitui uma proposta orientada por princípios diferentes do capitalismo, na qual as bases são comunitárias, livres de preconceitos e abertas à visões outras de vida (RODRIGUES *et al.*, 2021).

Nessa perspectiva, o propósito desse trabalho foi delinear uma breve reflexão sobre a proposta do Bem Viver à luz do pensamento decolonial, descrevendo o contexto histórico do conceito de desenvolvimento, partindo da revisão de literatura, em publicações em português, espanhol e inglês, a partir dos descritores ou PALAVRAS-CHAVE decolonialidade, bem viver, desenvolvimento e meio ambiente.

Raízes colonialistas, frutos decoloniais

A construção de uma visão crítica em relação ao que é considerado desenvolvimento no contexto geopolítico, econômico e social pela visão ocidental é um exercício complexo, que demanda tanto a compreensão das bases gerais do processo histórico que o estruturou e o fez prevalecer quanto a disposição em analisar as perspectivas pela ótica dos povos colonizados.

A princípio, deve-se considerar que a necessidade de sobrevivência é intrínseca à natureza humana e as condições contingentes de vida constantemente levam o ser humano a buscar interações, como a divisão de terras e recursos com pessoas de diferentes áreas geográficas, que orientam a consciência de singularidade e da condição diferenciada de cada um (YPI, 2016; CARNEIRO; ABRITTA, 2008).

Assim, ao percorrer os registros históricos, é possível notar essa tendência nos grandes fenômenos migratórios - essencialmente europeus, como as Cruzadas e as Grandes Navegações - em seu empreendimento de expansão e colonização (SANTOS, 2016; VIEIRA *et al.*, 2015).

Aqui convém situar com Dussel (2005), que a Europa latina até o século XV era periférica e secundária no extremo ocidental do continente euro-afrasiático, condição que se alteraria com as navegações ibéricas entre os séculos XV e XVI, promotoras da expansão marítimo-comercial que resultou em novas rotas de comércio e instituiu o colonialismo como uma ordem planetária, originalmente europeia (SANTOS, 2016; VIEIRA *et al.*, 2015).

Essa ordem colonialista se delineou com a prática de dominação dos povos com a imposição de lógicas racializadas, patriarcais, heteronormativas e de supremacia branca, sedimentadas por meio da invasão e reestruturação de espaços, culturas e mercados por empresas concessionárias e missões cristãs e o enriquecimento por meio de dominação territorial, tributação, extração de recursos naturais e trabalho forçado, essencialmente objetivando lucro (MURREY, 2020; ZALAMENA, 2018).

Além do controle e sustentação da relação de domínio por meio de intervenções autoritárias no âmbito político, militar, econômico e social (GONTIJO, 2009), foi exercida ainda a dominação cultural, mediante imposição de outras línguas e valores aos povos colonizados, com objetivos associados à execução das dominações materiais (TOMLINSON, 1991; KOHN; REDDY, 2017; BLAKEMORE, 2019).

O colonialismo, como componente central da expansão europeia, determinou uma lógica colonial-capitalista cujo objetivo principal foi o de acumulação de capital, estabelecendo as relações que lançaram as bases do

capitalismo como modo de produção (LÓPEZ, 2020; FERREIRA, 2014) e cujo implemento levou à incorporação progressiva dos demais continentes ao sistema, de forma subordinada e dependente (CHAGASTELLES, 2008).

O que se deve ser evidenciada aqui é a tônica de violência utilizada como recurso para tal acumulação no choque entre o capitalismo e as civilizações não regidas por ele (SOLDERA, 2018), que resultou numa história universal concebida na medida em que a diferença colonial forneceu o gabarito para se rotular povos e culturas, tornando-as mensuráveis, comparáveis ou mesmo irrelevantes (BORBA, 2020) frente às perspectivas eurocêntricas.

Se nos países colonizadores esta ação se justificou e legitimou por expandir o pretense projeto civilizador eurocêntrico, para os colonizados expressa, até os dias de hoje, a barbárie, com o desprezo por suas culturas e histórias que se tornaram sinônimo de atraso frente à internalização da ideologia da superioridade eurocêntrica (MENESES, 2018).

Nesse contexto, a legitimidade do colonialismo, conforme Kohn e Reddy (2017), vem sendo questionada pelos filósofos ocidentais, devido a matriz colonial-cultural de estruturação social ter sido assumida com objetivo de civilização, modernidade e desenvolvimento (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017b), mas com o modelo hegemônico global de poder instaurado desde a conquista articulando pessoas, raça, trabalho e espaço de acordo com as necessidades do capital e para o benefício dos brancos europeus (ESCOBAR, 2003).

Desse modo, a Europa, as elites e o capital foram, durante muito tempo, os únicos sujeitos com protagonismo na história e o capitalismo foi naturalizado como sinônimo de evolução, civilização e progresso, ainda que o período áureo da Europa como poder global e imperial tenha se encerrado em 1945 (FERREIRA, 2014; SANTOS, 2016).

Com a transição do colonialismo original para um novo colonialismo, voltado à espoliação das economias dependentes, foi sintomático que os debates sobre o desenvolvimento tenham se acirrado depois da Segunda Guerra Mundial, quando os países aliados, visando livrar seus territórios de problemas como as desigualdades políticas, econômicas e sociais (OLIVEIRA, 2002) lideraram, segundo Furtado (1974), o processo de industrialização, utilizando os recursos naturais de acesso mais fácil e novamente controlando grande parte dos recursos de outros países.

Nesse âmbito, Amin (2005) faz notar que houve uma substituição de uma multiplicidade de colonialismos em permanente conflito por um colonialismo coletivo associando o conjunto dos centros do sistema mundial capitalista - Estados Unidos, Europa Ocidental e Central e Japão.

Essa reestruturação culminou no processo de globalização, com novas formas de expansão das grandes potências, materializadas na privatização dos

recursos públicos, desnacionalização das empresas e patrimônios dos Estados e povos; enfraquecimento e ruptura de compromissos do Estado social e abandono dos camponeses pobres em benefício das grandes companhias agrícolas (CASANOVA, 2005).

O ponto de convergência dessas intervenções foi o então chamado Terceiro Mundo - atualmente “países em desenvolvimento” - conjunto de nações não pertencentes ao núcleo capitalista hegemônico, que agrupou estados que integraram vastos impérios coloniais, povos subjugados por séculos de colonialismo e atraso decorrente, que buscavam - com a vaga da descolonização do pós-guerra e as conseqüentes transformações - um rumo autônomo de desenvolvimento (GASPAR, 2015).

O conceito de desenvolvimento invocado nesse momento foi aquele concebido no campo da economia, identificado com o progresso material, centrado na ideia da acumulação de riqueza, crescimento econômico e promessa de maior bem-estar, sendo considerado o centro do processo social (FURTADO, 1974; CARDOSO, 1995), a força motriz capaz de conduzir uma sociedade atrasada à uma avançada (SANTOS *et al.*, 2015).

Cardoso e Faletto (2008) esclarecem que essa idealização de desenvolvimento, ao se ampliar ciclicamente, produziu tanto riqueza, acumulação e emprego para alguns, como pobreza, diminuição de capital e desemprego para outros, sem a efetivação de uma sociedade mais igualitária ou mais justa.

Duarte e Graciolli (2007) atribuem esse fenômeno ao fato de o desenvolvimento e subdesenvolvimento terem sido tratados apenas no âmbito quantitativo utilizando-se indicadores – tais como o Produto Interno Bruto (PIB) e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), sob os quais pesam as dificuldades e os problemas metodológicos envolvidos em sua análise – como únicos critérios para situar as economias, sem dar maior importância aos aspectos estruturais, maiores responsáveis por fundamentar desigualdades.

Frente a isso e especialmente após a criação da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), passou-se a discutir a necessidade de se diferenciar crescimento econômico de desenvolvimento, no sentido de que o primeiro deveria ser entendido pelo viés quantitativo, enquanto o segundo deveria ser interpretado como um processo de mudança qualitativa envolvendo transformações de ordem econômica, política e, principalmente, humana e social (OLIVEIRA, 2002).

Siedenberg (2006) observa que há tanto uma concordância sobre a complexidade desse processo quanto discordância sobre as formas de implementação e condução das políticas de desenvolvimento, ressaltando que, no contexto dos projetos de desenvolvimento implementados nas últimas décadas,

a primazia de fatores essencialmente econômicos sobre os demais vem enfraquecendo, com o termo desenvolvimento passando a ser associado a adjetivos como “humano”, “eco” e “sustentável”.

Esse processo se justificou dado o aumento da crise ecológica, econômica e política, com a estagnação do crescimento aliada aos efeitos controversos das inovações tecnológicas, que favoreceram o individualismo e a insatisfação do ser humano - sinalizados pelo aumento das manifestações de ansiedade e depressão, além de altas taxas de suicídio em escala global - e evidenciou a necessidade de uma mudança de rumo na forma como as sociedades vem se construindo (SIMÕES, 2021).

Frente a isso, Sauv  (2005) problematiza se a rela o com o mundo ainda pode ficar limitada a uma dinâmica de “gestão de recursos”, com as atividades humanas sendo interpretadas unicamente dentro do quadro de referência do desenvolvimento mesclado   bandeira da sustentabilidade, numa interlocu o que se impõe em escala planetária, mas sobrepondo-se às diversas culturas e reduzindo as possibilidades de se pensar as realidades de maneira diversa.

Nesse sentido, Sachs (2002) avalia que, de modo geral, o objetivo deveria ser o do estabelecimento de um aproveitamento racional e ecologicamente sustentável da natureza em benefício das popula es, levando-as a incorporar a preocupa o com a conserva o da biodiversidade aos seus próprios interesses, como um componente da estratégia de desenvolvimento.

A questão fulcral aqui   que muitas dessas popula es sofreram o apagamento de suas constru es subjetivas, sendo forçadas a adotar o conhecimento exógeno como correto, científico, racional e superior, enquanto sua produ o, advinda de outra origem geográfica, foi internalizada como não racional e inferior (MAIA; FARIAS, 2020).

Frente a isso, a discussão sobre as assimetrias nas rela es entre na es dominantes e periféricas começou a ser construída por intelectuais ligados ao pensamento decolonial, movimento que se esforça pela supera o da base conceitual eurocêntrica e das práticas, institui es e do discurso tradicional do desenvolvimento, buscando alternativas a partir da cosmovisão dos povos e nacionalidades autóctones e trazendo   luz filosofias como a do Bem Viver (ACOSTA, 2016).

O Bem Viver como alternativa ao paradigma de desenvolvimento

As críticas de diferentes atores sociais em rela o   concep o ocidental de desenvolvimento ensejaram questionamentos radicais sobre temas correlatos, tais como crescimento, progresso, reforma de mercado, extrativismo, consumismo

material individual, que confluíram para alternativas à própria ideia de desenvolvimento (SOUZA *et al.*, 2021) e amiúde volta seu olhar para o modo de vida de povos originários.

Apesar da situação de dominação e exploração de vários séculos, resultantes da colonização europeia, muitos povos se mantêm fiéis ao modo de vida alternativo em detrimento ao desenvolvimento assumido pelas sociedades ocidentais (ALCÂNTARA, SAMPAIO, 2017b). Para estes, não existe um processo linear da vida que estabeleça estágios de subdesenvolvimento e desenvolvimento, pela qual as pessoas devem transitar para que alcancem o bem-estar, como acontece no mundo ocidental (ACOSTA, 2016).

Nessa esteira, Escobar (2014) dá destaque às análises com embasamento nos movimentos e saberes indígenas, que tencionam ir além dos saberes ocidentais internalizados, criticando a modernidade europeia e construindo alternativas de desenvolvimento, entre as quais figura o *Bem Viver*.

O termo Bem Viver se difundiu como uma expressão utópica que representaria um modo de vida desejável e diferenciado do atual padrão civilizatório moderno, um caminho para concretizar o estabelecimento de padrões de vida autônomos, baseados no alcance da felicidade e no equilíbrio dos diferentes âmbitos da existência social, sob relações orientadas em direção à harmonia e à reciprocidade (QUINTERO, 2018).

O Bem Viver traduz aproximadamente a expressão quíchua *Sumak Kawsay*, empregada sobretudo no Equador, enquanto Viver Bem traduz *Suma Qamaña*, expressão em língua aimará da Bolívia, com a elaboração de suas noções remontando aos anos 1990, quando os movimentos indígenas passaram a reivindicar o direito de manter suas tradições, resistindo às propostas governamentais para se integrarem aos processos de desenvolvimento/modernização em curso em seus países (MACHADO; GENRO, 2018).

A proposta do Bem Viver é uma categoria central da filosofia de vida das sociedades indígenas andinas e configura uma oportunidade para construir coletivamente novas formas de convivência a partir de grupos tradicionalmente marginalizados, que trazem um resgate do modo de vida e os saberes indígenas, através de seu conhecimento originário e da harmonização das relações com a natureza e como forma de enfrentamento à crise socioambiental global (ACOSTA, 2016; CAMARGO; TONSO, 2011).

Como dimensões para a realização do Bem Viver na concepção indígena, Hidalgo-Capitán *et al.* (2014) elencam a necessidade de um território de três esferas: a roça, a floresta e a água, que se relacionam com elementos materiais e simbólicos; o entendimento de que os elementos imprescindíveis para o bem viver

são obtidos junto a natureza mediante o desenvolvimento de qualidades como equilíbrio e sabedoria, em aprendizagem comunitária; uma dimensão ética em que estão inclusos a busca da harmonia em todos os lugares, o que requer solidariedade, manifesta em respeito e valorização de idosos e no compartilhamento e reciprocidade entre os membros da comunidade.

Nessa conceituação, é central que existam condições espirituais e subjetivas, como prazer, felicidade, desejos, anseios e planos de se levar a vida em harmonia com a natureza, no entanto, ela não exclui a necessidade de condições materiais e objetivas, como riqueza (sem as nuances capitalistas de acumulação), comodidades, tempo livre e acesso a serviços de saúde e educação (SOUZA *et al.*, 2021).

Sob essas condições, Camargo e Tonso (2011) consideram que o Bem Viver se apresenta como uma alternativa que não almeja definir um novo padrão de desenvolvimento, uma vez que os povos originários somente buscam reconstruir e dar continuidade a seu modo de vida ancestral, mais sustentável ambiental e socialmente que os modelos ocidentais.

Para os estudiosos, a importância da retomada dos valores e dos saberes dos povos originários andinos reside no fato de que a discussão em torno da construção de um novo paradigma civilizatório pode consolidar uma alternativa latino-americana que respeite as pluralidades e supere os processos históricos que nos conformaram, sem a importação de modelos gerados em realidades distintas.

Nesse contexto, o Bem Viver se tornou também um paradigma que orienta as políticas públicas e ações dos Estados Nacionais na regulação de relações sociais, sob o propósito de reduzir as desigualdades na sociedade e melhorar as condições de vida dos sujeitos em situação de vulnerabilidade econômica, como ocorreu no Equador e Bolívia, países que buscam a construção de um projeto de sociedade por meio da adoção de princípios do Bem Viver em suas novas constituições e políticas públicas (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017b).

Embora seja recente enquanto corpo de ideias que pode ser mapeado, estudado e compreendido como parte do pensamento político, os elementos que constituem a base da filosofia de Bem Viver já existem (SILVA, 2019) e, para Quintero (2018), a expressão vem sendo utilizada como uma abstração que permite representar e caracterizar, em uma só categoria, diversas concepções dos povos indígenas da América Latina sobre suas formas de existência e, em geral, sobre os sistemas de vida plenos e desejáveis.

Inclusa na literatura acadêmica internacional, o Bem Viver versa sobre o surgimento de uma lógica “outra”, própria do indígena e oposta à moderna, que vem alcançando visibilidade em outros planos para além do local e libertando-se do rótulo negativo de “tradicional” enquanto sinônimo de “não-científico”, cuja

lógica não seria condizente com a racionalidade requerida pelos postulados ontológicos e epistemológicos da ciência moderna (DELGADO, 2014).

Em relação à adequação a esses parâmetros, Guevara-Aristizábal e Eschenhagen (2017) assinalam que o arcabouço do Bem Viver enfrenta os desafios de evitar sua captação pelo desenvolvimento hegemônico, bem como conceber alternativas de desenvolvimento viáveis a longo prazo, enquanto Gudynas (2009) ressalta os desafios da ordem de compreensão dos direitos da natureza, uma vez que esses, no âmbito do Bem Viver, encerram valores intrínsecos do meio ambiente, os quais rompem com a postura antropocêntrica por serem independentes de valorações humanas.

Somam-se a isso o fato de o Bem Viver focar transformações nas estruturas econômicas e relações de poder, visando mudanças radicais e não apenas incrementais (VANHULST; BELING, 2013), o que leva a inferir que, enquanto direcionador para a alocação de valores, os conflitos entre atores, bens, serviços sociais e custos políticos se unem às dificuldades intrínsecas dos paradigmas a serem adotados, no quais as decisões são centradas na compreensão indígena do mundo, de forma que a negociação para o sucesso das políticas públicas em tais modelos de desenvolvimento é árdua (SOUZA *et al.*, 2021)

Gallegos (2010) ressalta ainda que o alcance dos patamares de satisfação do Bem Viver supõem a existência de tempo livre para que se busque a contemplação e a emancipação, de modo que, para o desenvolvimento dos indivíduos e coletivos, outros requisitos devem ser atendidos, tais como liberdades, oportunidades, capacidades e potencialidades reais, os quais devem ser exercidos sem dominação sobre o outro, o que possibilitaria a construção do reconhecimento mútuo, da autorrealização e da realização de um porvir social compartilhado.

Tais reflexões em relação à sua implantação, no entanto, não impedem o reconhecimento da validade das propostas do Bem Viver, ao ponderar-se que, em virtude da influência do colonialismo e do capitalismo, as sociedades vivam cada vez mais em função da competição, seja nos mercados de trabalho e consumidor ou mesmo na esfera pessoal, sendo apenas aquele que alcança o “êxito” considerado bem sucedido (CAMARGO; TONSO, 2011), enquanto a filosofia do Bem Viver entende que para um indivíduo ou grupo estar bem e melhor é preciso conviver bem, em comunidade, e não melhor que os outros, à custa dos outros (ALBÓ, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O colonialismo e sistema capitalista por ele instituído legaram um modelo que perdura por pelo menos por cinco séculos, com várias questões impostas pelo domínio colonial que ainda afetam as nações colonizadas e estão pendentes de resolução.

As escolhas humanas, orientadas pelos valores e instituições eurocêntricos, são responsáveis por desequilíbrios sociais e ambientais de escala planetária vistos atualmente. Por muito tempo, as opções no tocante ao desenvolvimento foram encaradas de forma simplista, como se se tratasse de uma escolha entre pessoas ou árvores, uma vez que o meio ambiente tem sido sistematicamente subvalorizado, ao passo que o crescimento econômico ocupa o topo das prioridades (PNUD, 2020).

A tendência de se promover unicamente o desenvolvimento econômico dificulta que se enxergue o que deve ser o principal objetivo do desenvolvimento: prover qualidade de vida às pessoas e satisfazer suas necessidades e aspirações sem comprometer o meio ambiente. Num mundo onde a pobreza e a injustiça social ainda são endêmicas, o Bem Viver fornece um caminho outro para se pensar em como atender as necessidades básicas humanas, materiais e espirituais, contribuindo para uma sociedade menos desigual e em harmonia com a natureza.

Com vistas a isso, o conceito de desenvolvimento pode ser repensado, buscando conjugar os fatores econômicos, políticos e sociais à luz da sustentabilidade, numa nova conformação que converse com a proposta do Bem Viver e passe a incorporar também a natureza como componente fundamental para o desenvolvimento humano, seguindo a reflexão de Gudynas (2009), pela qual a boa vida dos seres humanos só é possível se a sobrevivência e integridade da teia da vida da natureza puder ser garantida.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: 2ª reimpressão, Elefante, 2016. Disponível em: <https://base.socioeco.org/docs/bemviver.pdf>. Acesso em: 7 out. 2022.
- ACOSTA, A. O Buen Vivir: uma oportunidade de imaginar outro mundo. In: SOUSA, C. M., org. **Um convite à utopia**, Campina Grande: EDUEPB, v. 1, p. 203-233, 2016. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/kcdz2/epub/sousa-9788578794880.epub>. Acesso em: 6 set. 2022.
- ALBÓ, X. Suma Qamaña = o bem conviver. **Revista Culturas Jurídicas**, v. 4, n. 8, mai./ago., 2017. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/articule/view/44913/28794>. Acesso em: 3 out. 2022.

ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: Utopia ou alternativa possível? **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 40, abril 2017a. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/articule/view/48566/32108>. Acesso em: 2 set. 2022.

ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. Bem. Bem Viver: uma perspectiva (des)colonial das comunidades indígenas. **Rev. Rup.**, San Pedro de Montes de Oca, v. 7, n. 2, p. 1-31, dez. 2017b. Disponível em: http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2215-24662017000200001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 out. 2022.

AMARO, R. R. Desenvolvimento — um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria. **Cadernos de Estudos Africanos**, Lisboa, n. 4, jul. 2003. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cea/1573>; DOI: 10.4000/cea.1573. Acesso em: 2 nov. 2022.

AMIN, S. O Imperialismo, passado e presente. **Tempo**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 77-123. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/Fzm4BXPmV6GGbBdFvwpPSh/?lang=pt>. Acesso em: 26 dez. 2022.

BENVENUTI, C. Desenvolvimento Humano Sustentável. In: **ENSUS** - Encontro de Sustentabilidade em Projeto do Vale do Itajaí, 2., 9, 10 e 11 de abril de 2008. Disponível em: <https://ensus2008.paginas.ufsc.br/files/2015/09/Desenvolvimento-humano-sustent%C3%A1vel.pdf>. Acesso em: 2 out. 2022.

BLAKEMORE, E. What is colonialism? The history of colonialism is one of brutal subjugation of indigenous peoples. **National Geographic**, fev. 2019. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/culture/articule/colonialism>. Acesso em: 5 de out. 2022.

BORBA, P. Para uma teoria crítica do eurocentrismo: história, colonialismo e o resto do mundo. **Revista Estudos Políticos**, v.11, n. 1, 2020. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revista_estudos_politicos/articule/view/46518/26675. Acesso em: 3 de out. 2022.

CAMARGO, T. D.; TONSO, S. Educação ambiental crítica e “vivir bien” (Suma Qamaña). In: ENCONTRO PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL A Pesquisa em Educação Ambiental e a Pós-Graduação no Brasil, 6., Ribeirão Preto, 4 a 7 de setembro de 2011. **Anais** [...]. Ribeirão Preto, 2011. Disponível em: http://www.epea.tmp.br/viepea/epea2011_anais/busca/pdf/epea2011-0169-1.pdf. Acesso em: 10 de out. 2022.

- CARDOSO, F. H. Desenvolvimento: o mais político dos temas econômicos. **Revista de Economia Política**, v. 15, n. 4, out./dez. 1995. Disponível em: <http://www.rep.org.br/PDF/60-11.pdf>. Acesso em: 1 set. 2022.
- CARDOSO, F. H.; FALETTO, E. Repensando dependência e desenvolvimento na América Latina. In: SORJ, B.; CARDOSO, F. H.; FONT, M., orgs. **Economia e movimentos sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, p. 4-20, 2008. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/rjfv9/pdf/sorj-9788599662595-02.pdf>. Acesso em: 6 set. 2022.
- CARNEIRO, Cláudia; ABRITTA, Stella. Formas de existir: a busca de sentido para a vida. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 190-194, dez. 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 5 out. 2022.
- CASANOVA, P. G. O Imperialismo, hoje. **Tempo**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 65-75. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/X95rVmKVbNxyvbfZSHzfZxf/?lang=pt>. Acesso em: 2 de dez. 2022.
- CHAGASTELLES, T. M. S. As sociedades africanas e o colonialismo. In: MACEDO, JR., org. **Desvendando a história da África**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, p. 111-122. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/yf4cf/pdf/macedo-9788538603832-09.pdf>. Acesso em: 4 out. 2022.
- DELGADO, A. C. T.; GÓMEZ, J. M. **Guerreiros do Arco-Íris**: os caminhos e descaminhos da descolonização na Bolívia no início do século XXI. 2014. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 209p. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/5289>. Acesso em: 17 dez. 2022.
- DUARTE, P. H. E.; GRACIOLLI, E. A teoria da dependência: Interpretações sobre o (sub)desenvolvimento na América Latina. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARXENGELS CEMARX - ECONOMIA E POLÍTICA NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO. Democracia, Dependência e Desenvolvimento na América Latina, 5., UNICAMP. 06 a 09 de novembro de 2007. **Anais [...]**. Campinas, 2007. Disponível em: https://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt3/sessao4/Pedro_Duarte.pdf. Acesso em: 5 ago. 2022.
- DUSSEL, E. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas latinoamericanas**. LANDER, Edgardo. (Org.). Colección Sur Sur, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf. Acesso em: 23 de out. 2022.

- ESCOBAR, A. Mundos y conocimientos de otro modo. El programa de investigación de modernidad/colonialidad latinoamericano. **Tabula Rasa**, n. 1, p. 51-86, jan. 2003. Disponível em: <https://revistas.unicolmayor.edu.co/index.php/tabularasa/articule/view/1683/2180>. Acesso em: 3 out. 2022.
- ESCOBAR, A. **Sentipensar con la tierra**. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y Diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014. 184 p. (Coleção Pensamiento vivo). Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/escpos-unaula/20170802050253/pdf_460.pdf. Acesso em: 3 out2022.
- FERNANDEZ, B. P. M. Ecodesenvolvimento, Desenvolvimento Sustentável e Economia Ecológica: em que sentido representam alternativas ao paradigma de desenvolvimento tradicional? **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 23, p. 109-120, jan./jun. 2011. Editora UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/articule/view/19246/14460>. Acesso em: 6 out. 2022.
- FERREIRA, A. C. Colonialismo, capitalismo e segmentaridade: nacionalismo e internacionalismo na teoria e política anticolonial e pós-colonial. **Soc. estado.**, v. 29, ano 1, abril 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/LMbR7mNnPDM7CXV5L59MkFR/?lang=pt>. Acesso em: 3 out. 2022.
- FERREIRA, A. C. Colonialismo, capitalismo e segmentaridade: nacionalismo e internacionalismo na teoria e política anticolonial e pós-colonial. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 1, jan./abril 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/LMbR7mNnPDM7CXV5L59MkFR/?lang=pt#>. Acesso em: 3 set. 2022.
- FORATTINI, O. P. Qualidade de vida e meio urbano. A cidade de São Paulo, Brasil. **Rev. Saúde públ.**, São Paulo, ano 2, v. 25, p. 75-86, 1991. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/fjv5ywhTMSMF5gZf9n3d8qL/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 2 set. 2022.
- FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2. ed., 1974.
- GALLEGOS, R. R. Socialismo del sumak kawsay o biosocialismo republicano. In: **Los nuevos retos de América Latina: Socialismo y sumak kawsay**. Quito: Secretaría Nacional de Planificación y Desarrollo-Senplades, 2010, 200 p. Disponível em: <https://rebellion.org/socialismo-del-sumak-kawsay-o-biosocialismo-republicano/>. Acesso em: 8 out. 2022.
- GASPAR, R. C. A trajetória da economia mundial: da recuperação do pós-guerra aos desafios contemporâneos. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 265-296, maio 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cm/a/rbnKdf7jR6gT3mLbcQmNgKG/?lang=pt>. Acesso em: 4 nov. 2022.

GONTIJO, L. C. B. A Dominação epistemológica no Imperialismo: a construção de uma narrativa de subjugação dos povos colonizados. **Cadernos de Relações Internacionais**, PUC-Rio, v. 2, dez. 2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46002/46002.PDF>. Acesso em: 2 out. 2022.

GUDYNAS, E. La ecología política del giro biocéntrico en la nueva Constitución de Ecuador. **Revista de Estudios Sociales**, v. 32, n. 1, p. 34-47, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/res/n32/n32a03.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2022.

GUEVARA-ARISTIZÁBAL J. F.; ESCHENHAGEN, M. L. Pensar em tempos de crise: ¿como dialogar com la vida? **Nómadas**, v. 46, n. 1, p. 237-250, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/noma/n46/0121-7550-noma-46-00237.pdf>. Acesso em: 5 out. 2022.

HAJDUOVÁ, Z.; ANDREJOVSKÝA P.; BESLEROVÁ, S. Development of quality of life economic indicators with regard to the environment. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 110, p. 747 – 754, 2014. Disponível em: [https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S1877042813055596?token=B340347061A102008](https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S1877042813055596?token=B340347061A102008AF59C19E12E0EFAFE9E1B2459FA84E72C5D8FB975D45D5694C1F54EAA39E6CD7CC3C1C78C2FFABB&originRegion=us-east-1&originCreation=20211020140300)

[AF59C19E12E0EFAFE9E1B2459FA84E72C5D8FB975D45D5694C1F54EAA39E6CD7CC3C1C78C2FFABB&originRegion=us-east-1&originCreation=20211020140300](https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S1877042813055596?token=B340347061A102008AF59C19E12E0EFAFE9E1B2459FA84E72C5D8FB975D45D5694C1F54EAA39E6CD7CC3C1C78C2FFABB&originRegion=us-east-1&originCreation=20211020140300). Acesso em: 12 set. 2022.

HIDALGO-CAPITÁN, A. L.; ARIAS, A.; ÁVILA, J. El pensamiento indigenista ecuatoriano sobre el Sumak Kawsay. In: **Sumak Kawsay Yuyay. Antología del pensamiento indigenista ecuatoriano sobre Sumak Kawsay**. Hidalgo-Capitán, A. L.; García, A. G.; Guazha, N. D., editores. Ecuador: Agência Andaluza de Cooperación Internacional para el Desarrollo, 2014. Disponível em: https://base.socioeco.org/docs/libro_sumak.pdf. Acesso em: 25 dez.2022.

KELES, R. The Quality of Life and the Environment. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 35, p. 23 – 32, 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042812003710>. Acesso em: 2 set. 2022.

KOHN, M.; REDDY, K. Colonialism. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**, 2017. Editor: Edward N. Zalta, Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/colonialism/>. Acesso em 15 out.2022.

LÓPEZ, G. A. G. Reflections on disaster colonialism: Response to Yarimar Bonilla's 'The wait of disaster'. **Political Geography**, v. 78, 2020. Disponível em: <https://yarimarbonilla.com/wp-content/uploads/2020/04/Garcia-diaster.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2022.

MACHADO, A. M. N.; GENRO, M. E. H. Lições do sul: “buen vivir-vivir bien”, uma alternativa ao desenvolvimento, desde o pensamento andino. **Otra Economía**, v. 11, n. 20, p. 119 - 135, 2018. Disponível em: <https://revistaotraeconomia.org/index.php/otraeconomia/article/view/14735>. Acesso em: 3 out. 2022.

MAIA, F. J. F.; FARIAS, M. H. V. Colonialidade do poder: a formação do eurocentrismo como padrão de poder mundial por meio da colonização da América. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 21, n. 3, p. 577-596, jul./set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/wbtt55LdndtrwfkvRN5vqb/?lang=pt>. Acesso em: 4 set. 2022.

MENESES, M. P. Colonialismo como violência: a “missão civilizadora” de Portugal em Moçambique. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Número especial, p. 115- 140, 2018, nov. 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/7741>. Acesso em: 4 out. 2022.

MURREY, A. Colonialism. **International Encyclopedia of Human Geography**, ano 2, v. 2, p. 315–326, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B9780081022955108042>. Acesso em: 3 set. 2022.

OLIVEIRA, G. B. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. **Rev. FAE**, Curitiba, v.5, n.2, p.37-48, maio/ago. 2002. Disponível em: <https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/viewFile/477/372>. Acesso em: 22 out. 2022.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO - PNUD. **Relatório do Desenvolvimento Humano 2020: A próxima fronteira, o Desenvolvimento Humano e o Antropoceno**. 2020. Nova Iorque. Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2020_pt.pdf. Acesso em: 22 set. 2022.

QUINTERO, P. Suma Qamaña, Suma Jakaña, Qamir Qamaña: Debates aymara sobre o bem-viver na Bolívia. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 112 - 131, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/344343558_SUMA_QAMANA_SUMA_JAKANA_QAMIR_QAMANA_DEBATES_AYMARA_SOBRE_O_BEM-VIVER_NA_BOLIVIA. Acesso em: 5 nov. 2022.

RODRIGUES, T. A.; LEANDRO NETO, J.; SOUZA, F. L. M. O conceito de Bem Viver na agenda da pesquisa no Brasil: um estudo historiográfico no período de 2017 a 2019. **Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais**, v.12, n.3, p. 492-501, 2021. Disponível em: <https://www.sustenerere.co/index.php/rica/article/view/CBPC2179-6858.2021.003.0040/2710>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 4. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. Disponível em:

- https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5825347/mod_resource/content/1/Caminhos%20para%20desenvolvimento%20sustent%C3%A1vel.%20Sachs%20%20Ignacy%20%282002%29.pdf. Acesso em: 3 out. 2022.
- SAMPAIO, C. A. C.; PARKS, C. D.; MANTOVANELI JÚNIOR, O.; QUINLAN, R. J.; ALCÂNTARA, L. C. S. Bem viver para a próxima geração: entre subjetividade e bem comum a partir da perspectiva da ecossocioeconomia. **Saúde Soc.**, São Paulo, v.26, n.1, p.40-50, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/hJSmbm3V7GdNHknQPHwXmss/?lang=pt#>. Acesso em: 18 nov. 2022.
- SANTOS, B. S. Para uma nova visão da Europa: aprender com o Sul. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, n. 43, set./dez. 2016, p. 24-56. Disponível em: https://www.scielo.br/j/soc/a/MhJD_gxRHrxRwPJb3MLGgdqd/?lang=pt. Acesso em: 3 nov. 2022.
- SANTOS, E. O.; VIEIRA, K. S.; REIS, M. V. S.; MENDES, P. C.; AQUINO, A D. B.; BRITO, C. R. O Imperialismo Europeu no Século XIX: Justificativas e Consequências. In: FEPEG - Fórum de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão - A humanização na ciência, tecnologia e inovação, 9., 23 a 26 de setembro de 2015, Montes Claros - MG. Disponível em: http://www.fepeg2015.unimontes.br/sites/default/files/resumos/arquivo_pdf_anais/o_imperialismo_europeu_no_seculo_xix.pdf. Acesso em: 11 jan. 2023.
- SAUVÉ, L. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.foar.unesp.br/Home/projetoviverbem/sauve-ea-possibilidades-limitacoes-meio-ambiente---tipos.pdf>. Acesso em: 6 out. 2022.
- SCATOLIN, F. D. **Indicadores de desenvolvimento**: um sistema para o Estado do Paraná. Porto Alegre, 1989. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1989
- SEN, A. The concept of development. In: **Handbook of Development Economics**, v. I, editado por H. Chenery e T.N. Srinivasan. Elsevier Science Publishers, B.V., 1988. Disponível em: <https://people.brandeis.edu/~teuber/Sen,%20The%20Concept%20of%20Development.pdf>. Acesso em: 2 out. 2022.
- SIEDENBERG, D. R. Desenvolvimento: ambigüidades de um conceito difuso. **Desenvolvimento em Questão**, v. 2, n. 3, p. 09-23, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/87>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- SIMÕES, M. S. Ensaio sobre desempenho socioeconômico, complexidade econômica e performance ambiental. 236 f. **Tese** (Doutorado em Economia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em:

- <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/32854/3/EnsaioDesempenhoSocioecon%C3%B4mico.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2023.
- SILVA, F. P. Comunalismo nas refundações andinas do século XXI O Sumak Kawsay/Suma Qamaña. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 34, n. 101, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/wxKbGBzXkbLLFfcnBxC4HSz/?lang=pt>. Acesso em: 4 set. 2022.
- SOARES JÚNIOR, J.; QUINTELLA, R. H. Development: an Analysis of Concepts, Measurement and Indicators. **Brazilian Administration Review**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 104-124, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bar/a/5SHFhx5cBhrQtBM6GXWy3tp/?lang=en&format=pdf>. Acesso em: 2 out. 2022.
- SOLDERA, R. A. O imperialismo e a era de ouro do capitalismo. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE EMPRESAS, 7., Encontro de Pós-Graduação em História Econômica, 4., **Anais [...]** Ribeirão Preto: USP/ABPHE, 2019. 10 a 11 de julho de 2018. Disponível em: http://www.abphe.org.br/uploads/Encontro_2018/SOLDERA.%20O%20IMPERIALISMO%20E%20A%20ERA%20DE%20OURO%20DO%20CAPITALISMO.pdf. Acesso em: 4 set. 2022.
- SOUZA, F. C. S.; QUIQUETO, A. M. B.; LENA, M. B. A.; SANTI, V. J. C.; MORAES, N. R. Etnodesenvolvimento e bem viver: concepções e implicações para políticas públicas. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12860/11520>. Acesso em: 23 set. 2022.
- TOMLINSON, J. **Cultural imperialism: A critical introduction**. Baltimore, Md: Johns Hopkins University Press, 1991. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=0CFMS0z5-gcC&oi=fnd&pg=PP13&dq=Cultural+Imperialism:+A+Critical+Introduction>. Acesso em: 17 de set. 2022.
- VANHULST, J.; BELING, A. El buen vivir: una utopía latinoamericana en el campo discurso global de la sustentabilidad. **Polis**, v. 12, n.36, p. 497-522, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/polis/9638>. Acesso em: 4 out.2022.
- VARGAS, F.; ARANDA, Y. P.; RADOMSKY, G. F. W. Desenvolvimento sustentável: Introdução histórica e perspectivas teóricas. In: **Introdução às teorias do desenvolvimento** (orgs.) NIEDERLE, P. A.; RADOMSKY, G. F. W.; coordenado pelo SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 118 p., 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad101.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2022.

VIEIRA, J. D.; GRAÇA, R. F.; RODRIGUES, A. J.; SILVA, J. A. B. Uma breve história sobre o surgimento e o desenvolvimento do capitalismo. **Ciências Humanas e Sociais Unit.**, Aracaju, v. 2, n.3, p. 125-137, março 2015. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/1950/1210>. Acesso em: 13 nov. 2022.

YPI, L. Qué está mal con el colonialismo. **Signos Filosóficos**, México, v. 18, n. 36, p. 140-176, dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-13242016000200140. Acesso em: 4 out. 2022.

ZALAMENA, J. C. M. Colonização e qualidade democrática: Apontamentos com base no *Democracy Index*. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 9, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/54493/35206>. Acesso em: 3 out. 2022.

**A PARTICIPAÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA NA ECONOMIA DO ESTADO DO
MATO GROSSO E A RELAÇÃO COM OS ÍNDICES DE DESMATAMENTO: ENTRE OS
ANOS DE 2011 A 2018**

**THE PARTICIPATION OF AGRICULTURAL PRODUCTION IN THE ECONOMY OF THE STATE
OF MATO GROSSO AND THE RELATIONSHIP WITH DEFORESTATION RATES: BETWEEN
THE YEARS 2011 TO 2018**

Alexander Fabiano Ribeiro Santos¹³ Arthur Henrique de Pontes Regis¹⁴

RESUMO: Entre os anos de 2011 e 2018, Mato Grosso apresentou crescimento econômico de aproximadamente dois pontos percentuais acima da média brasileira, índice que elevou a participação do estado na participação da composição da economia nacional de 1,6%, no ano de 2011, para 2,1% no ano de 2018. Tendo sido elevado ao *status* de maior produtor de grãos do mundo. No mesmo período, registrou grande crescimento da quantidade de grãos produzidos, o que foi associado ao crescimento da economia do estado. Concomitantemente, o estado apresentou crescimento da quantidade de área utilizada para produção agrícola, tendo registrado desmatamento de área de 1.023.200 ha. Com base nos dados disponibilizados, esta pesquisa buscou analisar qual de fato foi a participação da produção agrícola na composição da economia do estado e qual sua relação com os índices de desmatamento. A pesquisa se deu por meio de observação empírica analítica de dados primários disponibilizados pelo IBGE, SEPLAN MT, CONAB, INPE, IBAMA MT e os resultados foram apresentados por meio da descrição analítica. Ao final, foi possível concluir que o aumento da produção agrícola não foi fator predominante para o crescimento da economia do estado e está indiscutivelmente associado ao aumento de áreas plantadas. O que pode, ainda que inconclusivo, demonstrar que o crescimento da produção agrícola se deu à custa do avanço das fronteiras agrícolas por meio do aumento do desmatamento.

PALAVRAS-CHAVE: produção agrícola, economia, desmatamento, mato grosso.

¹³ Advogado, professor universitário e doutorando em Direito Constitucional pelo Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento - BRASÍLIA

¹⁴ Advogado, professor Universitário e Doutor em Bioética pela UNB.

THE PARTICIPATION OF AGRICULTURAL PRODUCTION IN THE ECONOMY OF MATO GROSSO STATE AND THE RELATIONS WITH DEFORESTATION

Between the years 2011 and 2018

ABSTRACT: Between 2011 and 2018, Mato Grosso showed economic growth of almost two percentage points above the Brazilian average, an index that raised the state's participation in the Brazilian economy from 1.6% in 2011 to 2.1% in the year 2018. Having been elevated to the status of the largest grain producer in the world, in the same period, it recorded a large increase in the amount of grain produced, which ended up being associated with the growth of the state economy. At the same time, the state also showed great progress in the amount of area used for production, having recorded deforestation of 1,023,200 ha. Based on this, this research sought to analyze the participation of agricultural production in the state's economy and its relationship with deforestation rates. The research was carried out through analytical empirical observation of primary data provided by IBGE, SEPLAN MT, CONAB, INPE, IBAMA MT and the result was presented through analytical description. In the end, it was possible to conclude that the increase in agricultural production was not a predominant factor for the growth of the state's economy and is indisputably associated with the increase in planted areas. Which may, albeit inconclusively, demonstrate that the growth in agricultural production may have come at the expense of deforestation.

KEYWORDS: agricultural production, economy, deforestation, mato grosso.

INTRODUÇÃO

O Estado do Mato Grosso contempla três biomas, divididos em Cerrado, Amazônia e Pantanal, sendo detentor de grande parte da biodiversidade brasileira, contando com 2.113 espécies de plantas (MATO GROSSO, 2011), o que o coloca no centro das atenções quando o debate é a necessidade da preservação ambiental.

Mesmo com uma farta biodiversidade, FACHIM (1995) listou 37 espécies de plantas que se encontram sob perigo ou vulneráveis à extinção no estado e a Portaria do Ministério do Meio Ambiente de 2014 apontou mais de trinta espécies de plantas que se encontram sob perigo ou vulneráveis à extinção (MATO GROSSO, 2014).

A Revista Nature Ecology & Evolution (2019), apontou resultado de pesquisa sobre as espécies de plantas que foram extintas nos últimos 250 anos, apresentam uma taxa 500 vezes maior do que seria esperado ocorrer naturalmente

(HUMPHREYS, 2019), o que justifica a preocupação ambiental, colocando as regiões detentoras de farta biodiversidade no centro dos debates.

Ao mesmo tempo, o estado do Mato Grosso é o maior produtor agrícola do país (CONAB, 2019), tendo produzido 46.848.638 toneladas no ano de 2011 e no ano de 2018 registrou a produção de 83.027.085 toneladas. Dando um salto na utilização de sua área destinada para a produção agrícola de 9.941.283ha, no ano de 2011, para área de 15.523.336 ha, no ano de 2018 (IBGE,2019).

A produção agrícola, segundo SANDRONI (1999), se revela como uma atividade produtiva integrante do setor primário da economia, caracterizando-se pela produção de bens alimentícios e matérias-primas decorrentes do cultivo de plantas e que conta com três fatores básicos: o trabalho, a terra e o capital.

Entre os anos de 2011 e 2018, o estado apresentou crescimento econômico quase dois pontos percentuais acima da média brasileira, índice que elevou sua participação na economia brasileira de 1,6%, no ano 2011, para 2,1% em 2018. Na economia do Centro-Oeste, o Produto Interno Bruto do Mato Grosso - PIB MT, representou, aproximadamente, 20% da economia regional. A economia do estado registrou um PIB de sessenta e nove milhões de reais no ano de 2011, tendo registrado um salto para cento e quarenta milhões de reais no ano de 2018, o que pode ser utilizado como demonstração de crescimento econômico (MATO GROSSO, 2015).

A ocupação do solo no estado de Mato Grosso, a partir dos anos 1970, iniciou uma nova dinâmica da produção agrícola para a região, tendo as características de clima, solo, relevo e vegetação como fatores determinantes para expansão, elevando o estado a posição de principal produtor agrícola do país (FERNÁNDEZ, 2006).

Ao mesmo tempo, a produção agrícola guarda relação com uma taxa de desmatamento crescente desde 1990, sugerindo que uma nova dinâmica está influenciando o desmatamento nas regiões produtoras, tais como uma dinâmica ligada ao mercado de exportação, impulsionada pela alta rentabilidade (FERREIRA, 2005).

O crescimento da produção agrícola foi associado pelos produtores ao crescimento econômico, porém, ao contrário disso, o crescimento da produção teve como alicerce o aumento da área utilizada, o que foi igualmente associado pelos ambientalistas ao aumento do desmatamento, tendo o estado desmatado uma área total de 1.023.200 ha durante os anos de 2011 a 2018 (INPE, 2019).

Diante da associação do aumento da área plantada com o aumento do desmatamento, ocorre conflito de interesse entre os produtores e os ambientalistas, de um lado, uns justificam a necessidade do aumento da área plantada para subsidiar o aumento da produção e, via de consequência, melhorar a economia,

do outro lado, outros defendendo a necessidade da preservação ambiental, em razão da importância que o estado representa da proteção da biodiversidade brasileira.

Havendo conflito de interesse entre dois segmentos de suma importância social, é papel do estado moderar essa relação, por meio de políticas públicas para que ambos os interesses sejam protegidos de maneira equilibrada. Com base nisso, a gestão pública estadual inseriu o debate em suas agendas públicas e elevou a produção agrícola e a proteção ambiental a macros-objetivos. Entre os anos de 2011 e 2014 estabeleceu como macro objetivo a busca pela melhoria da qualidade de vida da população, por meio de novos modelos produtivos, sustentáveis e conservação dos recursos naturais (MATO GROSSO, 2011) e, entre os anos de 2015 a 2018, estabeleceu como macro objetivo a busca pela melhora e efetividade das ações para conservação ambiental como contribuição para a qualidade de vida da população (MATO GROSSO, 2015).

Enfim, a produção agrícola se amparou na justificativa pela busca do desenvolvimento econômico para justificar o avanço da produção sobre o território estadual, ainda que se dê sobre o aumento do desmatamento, proporcionando um evidente avanço das fronteiras agrícolas. Por outro lado, os ambientalistas chamam a atenção para os índices de degradação ambiental.

Diante desse cenário, o presente trabalho analisou, com base na observação empírica analítica de dados primários, qual foi a real parcela de participação da produção agrícola na economia do estado durante os anos de 2011 e 2018, comparou com número de áreas utilizadas pela produção com os índices de desmatamento registrado no mesmo período. Ao final, por meio de descrição analítica, apontou os resultados.

METODOLOGIA

Para identificar qual foi a real parcela de participação da produção agrícola na economia do estado, primeiro, levantou-se dados primários, disponibilizados pelo IBGE em plataformas web e os classificou em tabelas, para observar o seu desenvolvimento econômico durante o período delimitado. Em seguida, coletou-se dados primários categorizados em tabelas, para observar o desempenho do PIB MT durante o mesmo período. Depois disso, utilizando de gráficos, comparou-se o desenvolvimento da produção agrícola com a evolução da composição do PIB MT.

Após constatar qual a participação da produção agrícola na composição do PIB MT, coletou-se dados, por meio de tabela, para identificar os índices de

desmatamento no mesmo período, para, utilizando gráficos, compará-los ao número de área plantada e apontar analiticamente qual a sua correlação.

Para a análise dos dados, foi utilizado o método de análise de conteúdo proposto por BARDIN (1979), tendo se dado em três fases: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados por meio da interpretação dos dados pela descrição analítica.

Por não haver disponibilização de dados confiáveis em relação à produção de cereais, leguminosas e oleaginosas, vez que na plataforma web disponibilizada pelo IBGE os dados se limitam somente ao ano de 2007, o estudo foi delimitado somente aos dados em relação à lavoura permanente e lavoura temporária.

Lavoura permanente compreendem a produção de banana, borracha, cacau, café, castanha de caju, coco-da-baía, goiaba, guaraná, laranja, limão, mamão, manga, maracujá, palmito, pimenta-do-reino, urucum e uva. Lavoura temporária compreendem a produção de abacaxi, algodão, amendoim, arroz, batata-doce, cana-de-açúcar, feijão, girassol, mamona, mandioca, melancia, melão, milho, soja, sorgo e tomate (IBGE, 2019).

Foram utilizados dados disponibilizados pelo IBGE que não fazem separação se a produção agrícola é familiar ou comercial, manual ou mecanizada, sendo considerado para esse trabalho produção agrícola os números em relação às culturas eleitas pelo instituto.

Para a coleta dos dados em relação ao PIB MT, a participação da produção agrícola na composição do PIB MT e os dados em relação à atividade com maior participação na sua composição, foram coletados dados disponibilizados em plataforma web mantidas pela Secretaria de Estado de Planejamento do Estado do Mato Grosso - SEPLAN MT e IBGE, em relação aos anos de 2011 a 2018.

Em relação ao PIB MT, durante o período de 2011 a 2016, para estabelecer sua composição era utilizada a referência anual, já a partir do ano de 2017, a apuração passou a ser feita em intervalos trimestrais, sendo apurados os PIB MT em quatro momentos durante o ano. A composição do PIB MT está dividida em três atividades econômicas, que formam três eixos da balança comercial, sendo elas a agropecuária, indústria e serviços (MATO GROSSO, 2015).

A atividade econômica formada pela agropecuária compreende a produção agrícola e a pecuária. A Indústria compreende as atividades extrativas de transformação, eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos, descontaminação e construção. Já a atividade econômica serviços compreende comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas; transporte, armazenagem e correio; alojamento e alimentação; informação e comunicação; atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados, atividades imobiliárias; atividades profissionais, científicas e técnicas,

administrativas e serviços complementares; administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social; educação e saúde privada; e outras atividades de serviços (MATO GROSSO, 2015).

Os dados utilizados para apurar o desmatamento no estado do Mato Grosso, durante o período de 2011 a 2018, foram coletados em plataforma web mantida pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE, sendo oriundos dos Sistemas DETER-B e PORDES. O Sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real - DETER-B, que identifica e mapeia desmatamentos e demais alterações na cobertura florestal com área mínima próxima à 1 ha. O sistema PRODES usa a referência em quilômetros quadrados (Km²), que serão convertidos por hectares, para adaptar a referências usadas pela pesquisa em relação às áreas plantadas, que é a referência utilizada pelo IBGE. A título de esclarecimento, cada quilômetro quadrado corresponde a 100 hectares (1 Km² = 100 ha) (TERRABRASILIS, 2019).

DESENVOLVIMENTO

Segundo BEZERRA (2004), a expansão da produção agrícola na Região Centro-Oeste, em um primeiro momento, se deu por intermédio da exploração da mão-de-obra e da incorporação de novas terras à área de fronteira. Já em um segundo momento, após a década de 1960, o desenvolvimento econômico se deu mediante a participação de outros Estados, tendo se dado por meios próprios somente na década de 1990.

A Região passou por processo intensivo de modernização da produção agrícola e se consolidou como uma importante área produtora de grãos para o mercado interno e externo. Mato Grosso se tornou uma das regiões agrícolas mais produtivas do Brasil, por meio da expansão das fronteiras agrícolas em busca do estado pela posição de maior produtor de grãos do país (DUBREUILI, 2007).

Segundo ZERKOWSKI (1982), o PIB representa a soma em valores monetários de todas as atividades econômicas relacionadas a bens e serviços finais produzidos durante um determinado período. É um dos indicadores mais utilizados na macroeconomia, e tem o objetivo principal de mensurar a atividade econômica de uma região. Por essa razão, os dados em relação à participação da produção agrícola na composição do PIB estadual podem ser utilizados como indicador da relação com a economia de um estado.

Os dados da produção agrícola do Mato Grosso demonstram que o estado acompanhou o crescimento da Região Centro-Oeste, tendo apresentado crescimento da produção agrícola entre os anos de 2011 a 2018, o que o elevou à posição de maior produtor de grãos do país. No mesmo passo, pode-se notar que o crescimento da produção agrícola no estado não se deu pelo desenvolvimento

tecnológico, tampouco pelo emprego de políticas públicas relacionadas com a agenda, mas sim à custa do avanço das fronteiras agrícolas (SEPLAN MT, 2019).

Diante do aumento da produção agrícola e do aumento do PIB MT, é muito comum a associação de que a produção agrícola seja a responsável pelo crescimento econômico e, por consequência, sendo de extrema importância para a balança econômica do estado. Apesar de a representatividade do Mato Grosso ser pequena na composição do PIB Nacional, MOTTA (2014) afirma que a produção agrícola é responsável por uma fatia significativa da economia estadual, sendo a responsável direta pelo seu crescimento econômico.

Porém, os dados em relação à composição do PIB MT, demonstraram que o crescimento da economia se deu de maneira uniforme entre os três setores que são utilizados para sua composição (indústria, serviços e agropecuária). A uniformidade do crescimento dos setores indica que o crescimento não foi impulsionado somente pela produção agrícola.

Foi possível observar que, apesar da produção agrícola ser taxada como atividade importante para a composição do PIB MT, o setor de comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas apresentou números semelhantes na participação da composição da economia estadual.

Por outro lado, o crescimento da produção agrícola está diretamente relacionado com o avanço das fronteiras agrícolas, o que pode ser observado pelo aumento de áreas destinadas para a produção agrícola. Entre os anos de 2011 a 2018, a utilização da área pela produção agrícola praticamente dobrou (IBGE, 2019), demonstrando que seu crescimento se deu à custa do avanço das fronteiras agrícolas.

Como um dos efeitos do crescimento da produção agrícola, foram registrados manutenção constante dos índices de desmatamento no estado, o que se pode associar ao crescimento da produção agrícola (IBAMA, 2019), como tendo utilizado do avanço das fronteiras agrícolas para possibilitar o aumento da sua produção.

O estado de Goiás, segundo dados do IBGE (2019), entre os anos de 2011 e 2018, apresentou um aumento da utilização da área destinada à produção agrícola de 28%, menor que a metade do registrado pelo Mato Grosso, que registrou 93% de aumento no custo da produção e aumento de 37% da quantidade produzida, no mesmo período.

Em relação ao PIB, segundo a SEPLAN MT (2019), Goiás apresentou um crescimento de 59% no período, com participação na composição do PIB Nacional partindo de 2,8 para 2,9%, enquanto o Mato Grosso apresentou crescimento de 78%, com participação na composição do PIB Nacional partindo de 1,6 para 2,1%, o que indica maior crescimento econômico no mesmo período.

O estado de Goiás, mesmo tendo apresentado crescimento na produção agrícola, por meio do aumento da utilização de áreas destinada para a produção agrícola, não demonstrou crescimento econômico durante os anos de 2011 a 2018, o que deixa claro que a produção agrícola não foi, de maneira isolada, determinante para o crescimento econômico dos estados da região que são grandes produtores agrícolas, e que o avanço da economia do Mato Grosso está relacionado com o crescimento uniforme dos setores da indústria, serviços e agricultura.

Para melhor compreensão, a seguir serão apresentados os dados em relação à produção agrícola, assim como os dados em relação à composição do PIB MT, para relacionar este com a econômica estadual. Em seguida, serão apresentados os dados em relação ao desmatamento, para, igualmente, relacionar o crescimento da produção com o avanço das fronteiras agrícolas.

Produção agrícola no estado do Mato Grosso

O espaço geográfico do estado do Mato Grosso é composto por área total de 90.335.700 ha, sendo o terceiro maior estado da federação (AZEVEDO, 2013). A lavoura permanente no estado do Mato Grosso, no ano de 2011, ocupou área de 57.060 ha, para produzir 145.728 toneladas, com custo de um pouco mais de duzentos e sessenta milhões de reais, já a lavoura temporária, no mesmo ano, ocupou área de 9.884.223 ha, para produzir 46.702.910 toneladas, com custo de aproximadamente vinte e um bilhões de reais.

Na Tabela 01, estão os dados coletados do IBGE em relação à produção agrícola no estado do Mato Grosso no período de 2011 a 2018, levando em consideração a soma das produções por meio de lavoura permanente e lavoura temporária, com descrição da quantidade de área destinada à produção agrícola, o custo da produção e a quantidade produzida no período.

Tabela 01 - Produção agrícola no estado do Mato Grosso nos períodos de 2011 a 2018.

do	Perío (Ano	Área Plantada (Hectares)	Custo da Produção (R\$)	Produção (Tonelada s)
)	2011	9.941.283	21.502.595.000,00	46.848.638
	2012	11.319.172	26.001.366.000,00	59.214.627
	2013	12.779.388	28.893.199.000,00	67.024.678
	2014	13.613.926	33.993.586.000,00	67.919.849
	2015	14.143.427	36.764.804.000,00	73.498.901
	2016	14.551.044	43.698.993.000,00	64.514.262

2017	15.619.823	43.383.793.000,00	84.008.181
2018	15.523.336	50.165.772.000,00	83.027.085

FONTE: Elaborada pelos Autores (2019).

Em observação aos dados apresentados na Tabela 01, pode-se perceber que a produção agrícola, no ano de 2011, ocupou área de mais de nove milhões de hectares em lavouras permanentes e temporárias, equivalente a 11% da área total do estado. Já no ano de 2018, ocupou uma área de mais de quinze milhões de hectares, correspondente à 17,24% da área total do estado, representando um aumento de 5.582.053 ha de área ocupada para a produção agrícola, entre os anos de 2011 a 2018, o que corresponde a um aumento de área plantada de 56% em oito anos.

Mesmo a produção tendo registrado um crescimento de 77%, no mesmo período, apresentou a média de 4,7 toneladas por hectares no ano de 2011 e média de 5,3 toneladas por hectares em 2018, o que indica que o desenvolvimento tecnológico de sistemas de produção agrícola teve pouca participação para o crescimento da produção agrícola no estado, mas que o crescimento se deu à custa do aumento da área utilizada para a produção.

Além do aumento da área utilizada para a produção, o setor também precisou contar com o aumento dos investimentos, tendo aplicados mais de quarenta e seis bilhões de reais na produção do ano de 2011 e dado um salto para mais de oitenta e três bilhões de reais no ano de 2018, o que representou um aumento de 138% do investimento na produção agrícola.

Ou seja, para alcançar o aumento de 77% na produção agrícola, o Estado precisou avançar suas fronteiras agrícolas em 56% sobre áreas e investir a proporção de 138% em recursos financeiros, o que subsidia a percepção que o aumento da produção agrícola no estado se deu à custa do avanço das fronteiras agrícolas e do grande aporte financeiro empregado no setor.

Produto interno bruto do estado do Mato Grosso – PIB MT

Segundo a Superintendência de Estudos Socioeconômicos do estado do Mato Grosso – SEPLAG MT, órgão público responsável por analisar os dados em relação ao PIB MT, o estado saltou de um PIB de sessenta e nove bilhões de reais, no ano de 2011, para cento e quarenta e um bilhões de reais no ano de 2018.

Na Tabela 02, estão os dados relativos ao PIB do estado do Mato Grosso no período de 2011 a 2018 e a sua participação na composição do PIB Nacional, coletados pela SEPLAN MT.

Tabela 02 - PIB MT e sua participação na composição do PIB nacional

Período (Ano)	PIB MT (R\$)	PARTICIPAÇÃO NO PIB NACIONAL (%)
2011	69.154.000.000,00	1,6
2012	79.666.000.000,00	1,7
2013	89.213.000.000,00	1,7
2014	101.235.000.000,00	1,8
2015	107.418.000.000,00	1,8
2016	123.834.000.000,00	2,0
2017*	138.817.000.000,00	2,1
2018*	141.455.000.000,00	2,1

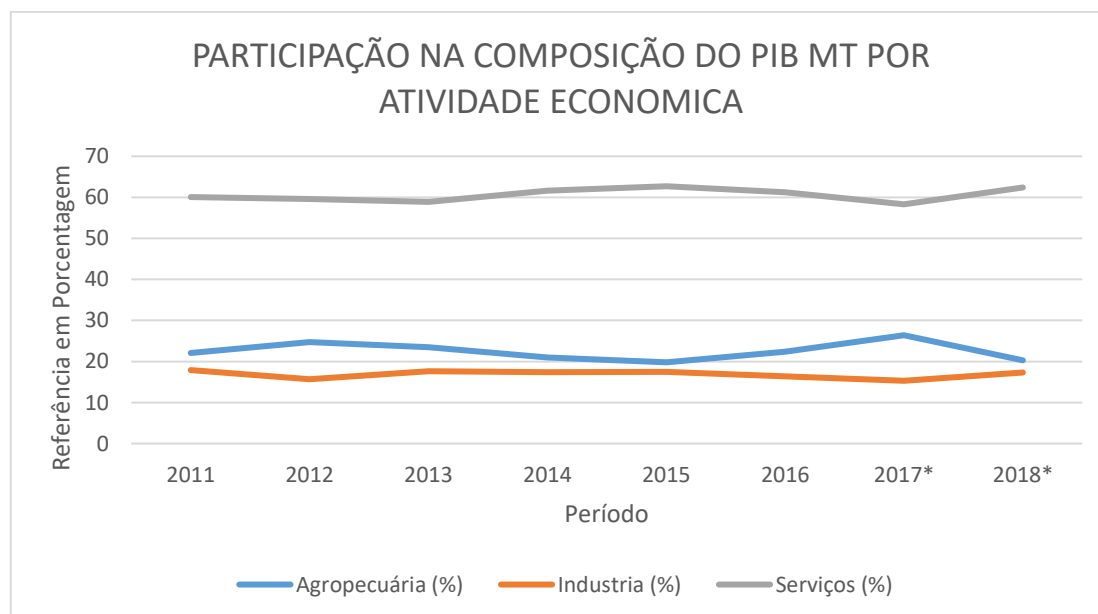
* Os dados são preliminares e sujeitos a revisão.

FONTE: Elaborada pelos Autores (2019).

No ano de 2011, o estado do Mato Grosso participava com 1,6% da composição do PIB Nacional, tendo chegado à participação com 2,1%, no ano de 2018, sendo responsável por aproximadamente 20% da composição do PIB Regional (SEPLAG-MT, 2019), que o elevou para a 13ª posição no Ranking Nacional (IBGE, 2019).

A composição do PIB MT é dividida em três atividades econômicas: agropecuária, indústria e serviços. A seguir, será apresentada a Gráfico 1, que apresenta a participação de cada uma das três atividades na composição PIB MT:

Gráfico 01 – Participação da composição do PIB MT por atividades econômicas.



FONTE: Elaborado pelos Autores (2019).

Em observação ao Gráfico 01, pode-se observar que a agropecuária, que envolve a produção agrícola e a pecuária, no ano de 2011, teve participação na composição do PIB MT de 22,1% e no ano de 2018 registrou participação de 20,3%.

A participação da agropecuária na composição do PIB MT manteve média de 22,5%, durante o período, se estabelecendo como a segunda atividade econômica com maior participação na composição do PIB estadual. O maior pico de sua participação se deu no ano de 2017, tendo acumulado 26,4% do PIB MT, muito em decorrência da safra de grãos, a atividade registrou um crescimento acumulado de 47,0% em relação ao ano de 2016, impulsionada, em especial, pela produção de soja, pela recuperação da produção de milho e boa participação do algodão no cenário nacional (SEPLAN, 2019).

Ainda em observação ao Gráfico 1, pode-se constatar que o setor da indústria, no ano de 2011, representou 17,9% da composição do PIB MT em 2011, tendo participado com 17,5% no ano de 2018, tendo mantido uma média de 16,8%, durante o período, sendo a terceira atividade com maior participação na composição do PIB estadual. Já o setor de serviços, no ano de 2011, representou participação de 60,1% da composição do PIB MT, tendo registrado participação de 62,4% no ano de 2018, mantendo uma média de 60,6%, durante o período.

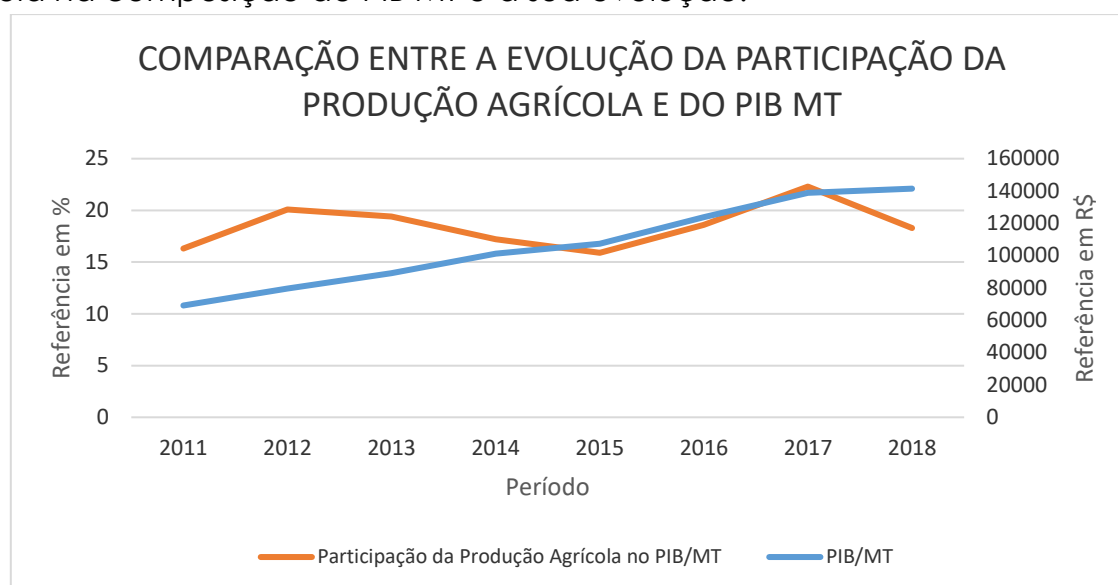
Os dados somente em relação à produção agrícola, desconsiderando, dessa forma, a pecuária, demonstram que sua participação na composição do PIB MT registrou 16,3% no de 2011 e de 18,2% no ano de 2018, tendo mantido uma média de 18,5%, durante o período. Em decorrência da safra de 2017, foi o ano em que a produção agrícola registrou a maior participação composição no PIB estadual, tendo registrado participação em 22,3%, voltando ao patamar médio novamente no ano de 2018, em decorrência da queda de produção no período (SEPLAN, 2019).

A título de comparação, quando observado o setor de comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, que compreende em uma das atividades que compõem o setor de serviços, no ano de 2011, acumulou participação de 17,2%, e, no ano de 2018, registrou participação de 18,6%, mantendo uma média de 18%, durante o período (SEPLAN, 2019).

Como se pode observar, em que pese o estado vir registrando constante crescimento do PIB MT, entre os anos de 2011 e 2018, a participação da agricultura na sua composição, apesar das variações, não demonstram o mesmo crescimento. Pelo contrário, durante o mesmo período, tanto o setor da indústria, como o setor de serviços, manteve os índices de participação na composição do PIB MT, o que demonstra que o estado representou um crescimento uniforme entre os três setores e não somente impulsionado pela produção agrícola.

Quando comparada a evolução da participação da produção agrícola na composição do PIB MT, no Gráfico 02, pode-se observar que o produto interno bruto estadual apresentou uma crescente entre os anos de 2011 e 2018, enquanto a produção agrícola, mesmo apresentando variações, se manteve no mesmo patamar, demonstrando não ser fator determinante para o crescimento econômico do estado.

Gráfico 02 – Comparação entre a evolução da participação da produção agrícola na composição do PIB MT e a sua evolução.



FONTE: Elaborado pelos Autores (2019).

Desmatamento no estado do Mato Grosso

O Mato Grosso, segundo dados mantidos no sistema PRODES e publicado pelo Instituto Nacional de Pesquisa Espacial – INPE, é o segundo estado brasileiro que mais desmata no país, ficando atrás somente do estado do Pará e um pouco à frente do estado de Rondônia. O crescimento do desmatamento durante os anos de 2011 a 2018 foi de 112.000 para 149.000 ha, respectivamente (INPE, 2019).

Na Tabela 03, estão os dados em relação às áreas desmatadas durante o período de 2011 a 2018 em hectares.

Tabela 03 – Áreas desmatadas no Estado do Mato Grosso

Período (Ano)	Área desmatada (ha)
2011	112000
2012	75700
2013	113900

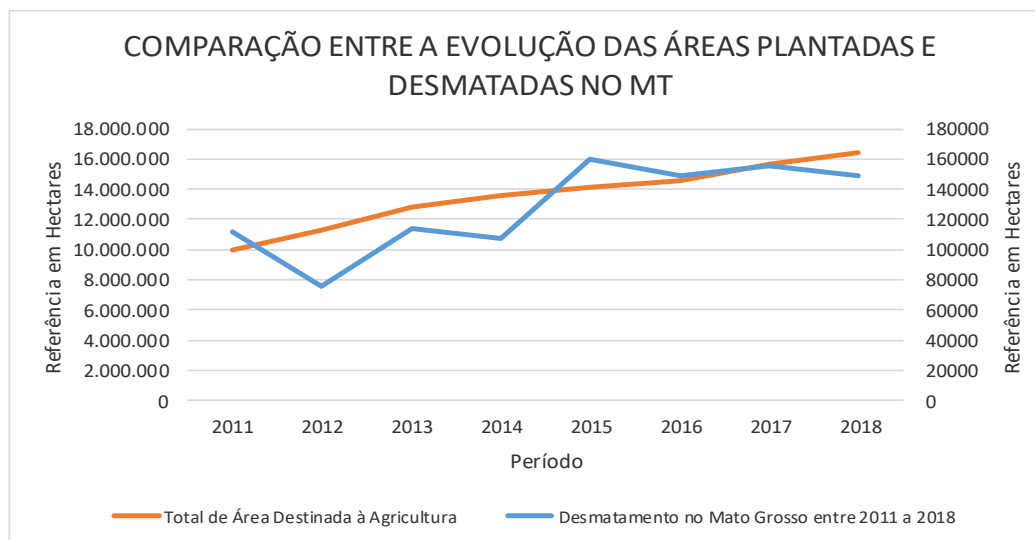
2014	107500
2015	160100
2016	148900
2017	156100
2018	149000

FONTE: Elaborada pelos Autores (2019).

No ano de 2011, Mato Grosso registrou desmatamento em área de 112 mil hectares, tendo anotado, em 2018, desmatamento em área de 149 mil hectares, totalizando o desmatamento de área de um pouco mais de um milhão de hectares durante o período, o que corresponde a 1,13% da área territorial total do território estadual (INPE, 2019). Durante o período de 2011 a 2018, o Mato Grosso registrou desmatamento superior a 100 mil hectares todos os anos, com exceção ao ano de 2012, que os números ficaram em 75 mil hectares (INPE, 2019).

Quando comparada à quantidade de área destinada à produção agrícola com a quantidade de áreas desmatadas (Gráfico 03), durante o período de estudo, nota-se que existe uma relação, ainda que de uma maneira não uniforme, o que é representado pelo gráfico a seguir.

Gráfico 03 – Comparação entre a evolução da utilização de área para a produção agrícola e os índices de desmatamento.



FONTE: Elaborado pelos Autores (2019).

Em observação ao Gráfico 03, pode-se afirmar que o crescimento apresentado pela produção agrícola no estado do Mato Grosso está relacionado com aumento da utilização de área plantada durante o período de 2011 a 2018 e no mesmo período, o que pode, ainda que inconclusivo, ser associado com o crescimento do desmatamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os anos de 2011 e 2018, verificou-se que o estado do Mato Grosso apresentou um considerável crescimento do setor agrícola e, durante o mesmo período, registrou considerável crescimento econômico, tendo inclusive aumentado sobremaneira sua participação na composição do PIB Nacional, o que se pode concluir que seu crescimento foi maior que outros estados.

Porém, ainda que o estado tenha apresentado um satisfatório crescimento econômico, diferentemente do que é defendido pelo setor agrícola, esse não teve como fator predominante a produção agrícola, na medida em que a economia apresentou crescimento uniforme em todos os setores que compõem o PIB MT (agricultura/serviços/indústria).

O que se pode observar, é que o crescimento da produção agrícola se deu em decorrência do aumento de áreas plantadas e do grande aumento do aporte financeiro injetado na atividade.

Quando comparado o aumento de área utilizada para a produção agrícola com os índices de desmatamento no estado, pode-se perceber que há uma relação, ainda que inconclusiva, vez que o aumento de área pode ter se dado pela substituição da pecuária pela lavoura em algumas regiões do estado, o que não foi objeto desse estudo.

De qualquer forma, o que chama a atenção, é o fato de não ter apresentado aumento de quantidade de grãos plantados por hectares, o que leva a concluir que o crescimento da produção também não está relacionado com o avanço tecnológico de sistemas de produção agrícola.

A falta de avanço tecnológico de sistemas de produção agrícola pode ser atribuída a insuficiência de investimentos na pesquisa para desenvolvimento tecnológico, tanto do setor público, como do setor privado.

Como se pôde observar, de fato houve crescimento da produção, mas essa se deu à margem de um grande aporte financeiro no setor, o que seguramente gerou sobrepeso para que a participação na composição do PIB MT se mantivesse uniforme, sem avanços significativos.

Tendo o estado do Mato Grosso elevado as agendas agrícola e ambiental a objetivos macros, caberia ao este desenvolver políticas públicas para subsidiar o avanço tecnológico de sistemas de produção agrícola, para poder aumentar a produção agrícola, sem a necessidade do aumento da utilização de áreas e redução dos custos de produção.

A intenção desse estudo é chamar a atenção para a importância de ambas as agendas (ambiental e agrícola), para que se alcance a compreensão de que

é necessário empenho do setor privado, mas em especial, do setor público, para desenvolver políticas públicas que tenham como objetivo o fomento da pesquisa científica em busca de avançar tecnologicamente no desenvolvimento de sistemas de produção agrícola mais eficazes e que o crescimento da produção não fique somente à mercê do aumento de áreas utilizadas para a produção agrícola, o que teria reflexo direto nos índices de desmatamento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Diógenes S. **O processo de desmatamento na Amazônia**. Parcerias estratégicas, v. 6, n. 12, p. 259-275, 2010.

ANDERSON, Liana Oighenstein; ROJAS, Eddy Hoover Mendoza; SHIMABUKURO, Yosio Edemir. Avanço da soja sobre os ecossistemas cerrado e floresta no Estado do Mato Grosso. **Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**, v. 11, p. 19-25, 2003.

AZEVEDO, Andréa Aguiar; SAITO, Carlos Hiroo. O perfil dos desmatamentos em Mato Grosso, após implementação do licenciamento ambiental em propriedades rurais. **Cerne**, v. 19, n. 1, p. 111-122, 2013.

BEZERRA, Luiza Maria Capanema; CLEPS JR, João. O desenvolvimento agrícola da região Centro-Oeste e as transformações no espaço agrário do Estado de Goiás. **Caminhos de geografia**, v. 5, n. 12, 2004.

BRASIL, Decreto nº 68.532, de 22 de abril de 1971, cria e regulamenta o Instituto Nacional de Pesquisa Espacial – INPE, responsável pelo monitoramento da ocorrência desmatamento no país.

CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos>, acessado em 15 de julho de 2019, as 17:50.

DE PAIVA MOTA, Cláudia Cristal; DA SILVA CERQUEIRA, Jéssica; DE REZENDE, Adriano Alves. Participação da Produção da Soja na Balança Comercial: Uma Análise Comparativa a partir da Produção do Estado do Mato Grosso, no Período de 2002 a 2012. **Revista de Estudos Sociais**, v. 15, n. 29, p. 109-125, 2014.

DUBREUIL, Vincent et al. Evolução da fronteira agrícola no Centro-Oeste de Mato Grosso: Municípios de Tangará da Serra, Campo Novo do Parecis e Diamantino. **Área de Informação da Sede-Artigo em periódico indexado (ALICE)**, 2007.

IBAMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Disponível em: <https://www.ibama.gov.br/busca?searchword=desmatamento&searchphrase=all>, acessado em 17 de julho de 2019, as 13:30.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/pesquisa/10057/60018>, acessado em 15 de julho de 2019, às 17:35.

INPE. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Disponível em: <http://www.obt.inpe.br/OBT/assuntos/programas/amazonia/prodes>, acessado em 17 de julho de 2019, às 13:00.

FACHIM, Eliani; GUARIM, V. L. M. S. Conservação da biodiversidade: espécies da flora de Mato Grosso. **Acta Botanica Brasilica**, v. 9, n. 2, p. 281-287, 1995.

FERNÁNDEZ, Antonio João Castrillon. **Do cerrado à Amazônia: as estruturas sociais da economia da soja em Mato Grosso**. 2006.

FERREIRA, Leandro Valle; VENTICINQUE, Eduardo; ALMEIDA, Samuel. O desmatamento na Amazônia e a importância das áreas protegidas. **Estudos avançados**, v. 19, n. 53, p. 157-166, 2005.

HUMPHREYS, Aelys M. et al. Global dataset shows geography and life form predict modern plant extinction and rediscovery. **Revista Nature Ecology & Evolution**. Ed. 10 June 2019.

MATO GROSSO, Lei nº 9.675 de 20 de dezembro de 2011, Plano Plurianual 2012-2015.

MATO GROSSO, Lei nº 10.340, de 19 de novembro de 2015, Plano Plurianual 2016-2019.

MATO GROSSO, Portaria do Ministério do Meio Ambiente nº 443, de 17 de dezembro de 2014, relaciona as espécies da flora que se encontram sob risco de extinção.

ZERKOWSKI, Ralph Miguel. Seis décadas de economia brasileira através do PIB. **Revista brasileira de economia**, v. 36, n. 3, p. 331-338, 1982.

SEPLAN-MT. Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão do Mato Grosso. Disponível em: http://www.seplan.mt.gov.br/-/10948750-produto-interno-bruto-de-mato-grosso?ciclo=cv_gestao_inf, acessado em 15 de julho de 2019, às 17:05.

TERRABRASÍLIS. Plataforma de dados geográficos. Disponível em: <http://terrabrasilis.dpi.inpe.br/app/dashboard/alerts/legal/amazon/daily/>, acessado no dia 10/10/2019, às 11:28.

ENTRAVES À POLIARQUIA:

uma análise da participação dos presos provisórios no processo democrático eleitoral brasileiro.

OBSTACLES TO POLYARCHY:

an analysis of the participation of pre-trial detainees in the Brazilian democratic electoral process.

Daniel Ferreira da Silva¹⁵

RESUMO: A teoria política de Robert Dahl constituiu-se como importante ferramenta para avaliação do funcionamento dos regimes políticos democráticos contemporâneos. O autor desenvolveu pré-requisitos que, hoje, se colocam como condições práticas para mensurar a abrangência dos Estados democráticos no sentido de garantir a participação de todos os cidadãos, independente do grupo social, no processo democrático, durante e entre as eleições. Desta forma, o escopo do trabalho é estabelecer umnexo entre alguns desses pré-requisitos/condições para a democracia e os presos provisórios do Estado brasileiro. Isto é, à luz das proposições de Dahl, buscou-se avaliar as condições políticas, jurídicas e institucionais do contingente de cidadãos provisoriamente encarcerado para participar do processo democrático. Para isso, mensurou-se a taxa percentual de participação desse grupo social em votações no Brasil da última década, bem como considerou-se outros fatores jurídico-legais como o acesso à informação política ou a liberdade de opor politicamente, entre outros. Como resultado, identificou-se um cenário desolador, no qual o cidadão brasileiro em cárcere privado é, na prática, destituído de grande parte de seus direitos civis e políticos virtualmente salvaguardados pela Lei.

PALAVRAS-CHAVE: Robert Dahl; presos provisórios; democracia; sistema político.

ABSTRACT: The political theory of Robert Dahl has become a valuable tool for evaluating the functioning of contemporary democratic political regimes. The author developed prerequisites that, today, are placed as practical conditions to measure the scope of democratic States to guarantee the participation of all citizens, regardless of social group, in the democratic process, during and between elections. In this way, the objective of the work is to establish a link between some of these prerequisites/conditions for democracy and pre-trial prisoners of the Brazilian State. That is, based on Dahl's propositions, an attempt was made to assess the political, legal and institutional conditions of the contingent of citizens antecedently incarcerated to participate in the democratic process. For this purpose, the percentage rate of participation of this social group in voting process in Brazil in the last decade was measured, as well as other legal factors such as

¹⁵ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

access to political information or the freedom to oppose politically, among others. As a result, a desolate scenario was identified, in which Brazilian citizens in private prison are, in practice, deprived of a large part of their rights virtually safeguarded by the Law.

KEYWORDS: Robert Dahl; pre-trial prisoners; democracy; political system.

INTRODUÇÃO

A população carcerária no Brasil vem crescendo de modo exponencial e absurdamente desproporcional na última década. Conforme dados do Sistema de Informações do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN, 2021), o número total de encarcerados no Brasil saltou de 494.237, em 2010, para 811.707, em 2020. O contingente deveras exacerbado de cidadãos encarcerados se traduziu não somente em lotação dos complexos penitenciários dentro do território brasileiro, mas em diversas carências relacionadas ao provimento de políticas públicas e sociais direcionadas à manutenção das condições de vida e garantia de ressocialização da população carcerária no Estado brasileiro (RANGEL, BICALHO, 2017).

Nesse sentido, há diversos estudos atestando as negligências do Estado no que tange ao provimento de direitos básicos e fundamentais, previstos constitucionalmente, tais como o acesso à educação, à saúde e ao lazer, para esses homens e mulheres, em sua maioria negros e empobrecidos, entre os quais pode-se destacar alguns como os de: Rangel e Bicalho (2017); Juliana Borges (2019); Salles, Pereira e Rocha (2021). Contudo, após uma extensa pesquisa bibliográfica, pôde-se constatar que há poucos estudos cujo objetivo seja investigar as condições jurídico-legais e materiais fornecidas pelo Estado brasileiro para que cidadãos privados de liberdade possam participar ativamente do processo democrático eleitoral¹⁶.

A Constituição Federal de 1988 exclui do processo democrático pessoas encarceradas de modo definitivo (que foram julgadas e sentenciadas criminalmente, no âmbito das leis penais) durante o tempo de duração da sentença. Desse modo, a análise a seguir abrange tão somente o caso dos intitulados *presos provisórios*: aqueles que, apesar de estarem presos

¹⁶ De antemão, expõe-se a categoria *processo democrático eleitoral*, nesta pesquisa, é compreendida de forma ampla, assentada nas formulações teóricas de Robert Dahl; mais precisamente, considera-se, aqui, como partes do processo democrático eleitoral não somente o ato de votar *per se*, mas alguns demais fatores sociais, políticos, jurídicos e institucionais prévios e posteriores às eleições *ipso facto*.

preventivamente, seguindo os fundamentos da Constituição, não podem ser considerados infratores, pois não foram condenados judicialmente.

Posto isto, o trabalho tem intuito de verificar em que medida algumas das condições e precondições para uma democracia poliárquica, aos moldes da teoria dahlsiana – que permita a expressão pública de múltiplas visões de mundo concatenadas como ideologias políticas e manifestadas, em última instância, por meio do voto – atingem esse grupo social.

Para tal empresa, o artigo foi dividido em dois itens: o primeiro trata-se de uma breve apresentação da categoria democracia bem como das normas sistematizadas por Robert Dahl (1989; 2005) para o funcionamento mais próximo da plenitude de um sistema político democrático na contemporaneidade. O segundo item, por sua vez, versa sobre o nível de abrangência dos mecanismos de garantia de participação dos cidadãos brasileiros anteriormente encarcerados no processo democrático do Estado.

METODOLOGIA

Utilizou-se de métodos qualitativos e quantitativos para a elaboração da pesquisa. Num primeiro momento, foi realizada uma revisão bibliográfica com objetivo de resgatar os conceitos tradicionais de democracia cimentados na Filosofia e na Ciência Política moderna. Para esse fim, as **FONTE:s** pesquisadas foram principalmente a obra clássica de Joseph Schumpeter (1961), *Capitalismo, Socialismo e Democracia*, seguidas de produções teóricas de Robert Dahl (1989; 2005), nas quais o autor sistematiza cientificamente as bases e prescrições para a expansão de regimes democráticos nas sociedades hodiernas.

Subsequentemente, buscou-se avaliar, através de cruzamento de dados estatísticos retirados do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e dos institutos de pesquisa Pindograma e O Globo, a frequência percentual de participação dos presos provisórios durante os processos eleitorais dos anos eleitorais compreendidos no período entre 2010 e 2020. Além disso, outras reflexões sobre a integração dos presos provisórios ao regime democrático brasileiro foram baseadas na revisão da legislação penal, da Constituição Federal de 1988 e das diretrizes de Direitos Humanos.

CONDIÇÕES PARA AVALIAÇÃO DE UM SISTEMA POLÍTICO DEMOCRÁTICO

Estado democrático e *democracia* são termos que incorporam em si múltiplas definições, a depender tanto do tempo histórico quanto da linha de pensamento que se trata. Em linhas gerais, a definição do termo *democracia* - *demo* (povo), *kratos* (governo) - é “governo do povo”. No entanto, essa é uma definição muito ampla e vaga de democracia (COPPEDGE et al, 2020).

Conforme Joseph Schumpeter (1961), a filosofia da democracia do século XVII, herdeira direta da aceção helênica clássica, concebe o método democrático como um arranjo político-institucional em que a população exerce certo controle sobre as ações do Estado, tomando como princípios norteadores elementares a *igualdade*, *liberdade* entre aqueles considerados, para mais que sujeitos privados, agentes da política ou, ainda, cidadãos. Subentende-se, assim, que as garantias de liberdade e igualdade política devam ser asseguradas por qualquer Estado democrático, para que a vontade geral (*volonté général*) que se expressa por escolhas políticas sempre visando um *bem comum*, seja cumprida (SCHUMPETER, 1961).

A corrente de pensamento utilitarista, tendo em conta que no Estado moderno característico das organizações sociais capitalistas, quando divisão social do trabalho se complexifica, sustenta que a administração de alguns assuntos requer técnicas especiais, por isso, devem ser manejadas por especialistas. Porém, a ideia de *bem público* (ou bem comum) continua intacta, uma vez que o corpo político-administrativo do Estado democrático seria nomeado com base na escolha racional dos agentes sociais (SCHUMPETER, 1961). Em outras palavras, caberia aos cidadãos a tarefa de eleger um comitê de Estado que tomasse medidas técnicas, sempre, orientando-se pela vontade geral.

Contudo, a teoria utilitarista, para Schumpeter (1961) é absolutamente irrealista por encontrar-se descolada das contradições encerradas pelas relações sociais capitalistas. Isto porque “Não há, para começar, um bem comum inequivocamente determinado que o povo aceite ou que possa aceitar por força de argumentação racional.” (SCHUMPETER, 1961, p. 301). Os indivíduos, mesmo que integrados à sociedade e dela dependentes, no mais das vezes tendem a ter opiniões conflitantes sobre os mais variados temas, ainda que universais.

Influenciado por Schumpeter, Robert Dahl analisa a significação social e político-institucional dada à *democracia* na contemporaneidade. Para Dahl (2005), o termo democracia evoca a *pólis* grega, onde os assuntos concernentes à vida pública demandavam deliberação direta de todos considerados cidadãos *polítis*, para que só então fossem decididos. O termo aludido, portanto, não seria o mais adequado para classificar os regimes democráticos representativos atuais, cujos sistemas políticos são eleitorais livres. Dessarte, Dahl (2005) desenvolve o conceito de *poliarquia*, ou *democracia poliárquica*: um sistema político que permita “a competição, rivalidade ou oposição entre um governo e seus oponentes” (DAHL, 2005, p. 25). Estreitamente vinculado a isso, esse regime deve ensinar a *participação* dos cidadãos, a qual, nas “democracias reais” (poliarquias), fundamentalmente, se realiza pelo que conhecemos como sufrágio universal. Ou seja, o direito de votar e de ser votado, caso o cidadão decida se candidatar.

Desse modo, torna-se mister a ocorrência de eleições recorrentes, livres e idôneas. O autor ainda ressalta que somente considera uma democracia poliárquica “um sistema político que tenha, como uma de suas características, a qualidade de ser inteiramente, ou quase inteiramente, *responsivo a todos os seus cidadãos*” (DAHL, 2005, p. 26).

Partindo dessas duas dimensões (participação e contestação) para definir o que é democracia, no intuito de avaliar o grau de democratização em um Estado, Dahl (1989) lista algumas pré-requisitos, apresentados como condições, que podem ser divididas entre dois estágios: o *eleitoral* e o *pós-eleições*, ou *entre-eleições*. Em primeiro lugar, durante as eleições, Dahl (1989) tabula que:

1. *Todos os indivíduos devem votar para escolher líderes/políticas públicas;*
2. O voto de cada cidadão deve ter peso idêntico;
3. O candidato ou política que obteve mais votos vence.

No estágio pós-eleições ou entre eleições o autor expõe mais cinco condições, seguintes condições:

4. Qualquer membro que percebe um conjunto de alternativas políticas, pelo menos uma das quais considera preferível a qualquer outra, pode inseri-la entre as apresentadas à votação;
5. Todos os indivíduos devem possuir informações idênticas sobre as alternativas;
6. As ordens dos servidores públicos eleitos são executadas.

As três primeiras condições que, juntas, conformam o que Dahl (1989) chama de *regra da maioria* (ou regra maximizadora) não são, aparentemente, **FONTE:** de preocupação quando se trata do sistema político brasileiro. Afinal, o direito do voto secreto atualmente não só assegurado constitucionalmente como também tido como dever obrigatório de todo cidadão brasileiro que já atingiu a maioria legal, sendo apenas facultativo para analfabetos, maiores de maiores de 70 anos e pessoas com idade entre 16 e 18 anos (BRASIL, 1988).

Manifestadamente, há práticas notórias impregnadas na cultura política brasileira, tais quais a “compra de votos” ou, mesmo, o lobismo por trás de variadas candidaturas e propostas legislativas, executivas e jurídicas do país, que levam os indivíduos a escolherem os líderes e/ou políticas, entre as alternativas apresentadas, preferidas por terceiros, o que constitui as decisões políticas como “escolhas manipuladas” (DAHL, 1989, p. 73). Todavia, afirma-se, ainda que com as devidas ressalvas, que o que o sistema político brasileiro obedece à *regra da maioria* e, igualmente, à *sexta condição*, concernente à exigência de que, assim como a escolha da maioria da organização social, a decisão da maioria dos servidores políticos também deve ser preferida no que tange à execução das políticas públicas.

No que diz respeito à condição quatro aplicada ao Brasil, o principal entrave é de caráter burocrático, uma vez que para se candidatar a um cargo político basta se filiar a um partido político. E, ainda, se as ideologias de nenhum partido, contemplam a opinião de dado cidadão, tem-se previsto constitucionalmente o direito se associar para formar outro partido que contemple sua ideologia (BRASIL, 1988).

Ignora-se, nesta análise, questões acerca da desigualdade de recursos financeiros, midiáticos, intelectuais etc., apontadas por Dahl (1989). Ainda assim, supomos que o sistema político brasileiro, sob as lentes da teoria dahlsiana, seja democrático. Pois o autor distingue democracias de outros sistemas autárquicos, essencialmente, a medida em que escolher livremente entre alternativas apresentadas, ou se opor a elas, é verificada.

No tocante às condições cinco e sete, consideramos que, diferentemente das outras que podem ser verificadas nos termos da legislação bem como pelas estatísticas eleitorais (embora possam ser aprofundadas por meio de recortes), essas são inviáveis se pensar fora de uma análise social recortada. Pois, as decisões políticas e jurídicas são inúmeras e amplíssimas e, muitas vezes, encontram entraves à sua implementação, como no caso da garantia da participação da população carcerária provisória nas eleições. E, ao lembrando Dahl (1989, 2005) que se reserva o termo *democracia poliárquia* para sistemas políticos que contemplem todos seus cidadãos que partimos para a análise das condições políticas atuais para que presos provisórios, uma parcela expressiva da população brasileira, consigam ter suas ideias representadas.

EXTENSÃO DA DEMOCRACIA BRASILEIRA AOS PRESOS PROVISÓRIOS

Levando em consideração as três primeiras condições, que conformam a *regra maximizadora*, para avaliar uma democracia poliárquica (DAHL, 1989), poder-se-ia afirmar que um dos maiores marcos políticos da história brasileira recente foi a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil (popularmente conhecida como “Constituição Federal de 1988” – CF/88). Pois, a partir dela foi reconhecida, ao menos em caráter oficial, a *soberania popular*, que passaria a ser exercida igualmente por todo cidadão brasileiro adulto via “*sufrágio universal e pelo direito do voto direto e secreto, com valor igual para todos*” (BRASIL, 1988).

Contudo, mesmo que legalmente assegurado, nos termos do inciso III do artigo 15 da CF/88, que a perda ou suspensão provisória de direitos políticos de brasileiros adultos com a capacidade civil plena só deve acontecer em caso de “condenação criminal transitada em julgado” (BRASIL, 1988) enquanto durar o

efeito da pena, ainda há uma categoria social em especial cuja manutenção desses direitos nos parece um tanto incerta: os presos provisórios.

Com relação aos direitos políticos, é fato notável que somente vinte e dois anos após o reconhecimento constitucional do sufrágio universal e igualitário, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) assegurou, por meio da Resolução nº 23.219/2010, o direito de votar para o grupo social de cidadãos em regime de prisão provisória. O artigo 1º da instrução normativa do TSE determina a instalação de “seções eleitorais especiais em estabelecimentos penais [...], a fim de que os presos provisórios [...] tenham assegurado seus o direito de voto”¹⁷ (BRASIL, 2010). De quando então, assume-se, por definição do inciso I do mesmo artigo citado, como presos provisórios “aqueles que, apesar de recolhidos a estabelecimento de privação de liberdade, não possuem condenação criminal transitada em julgado” (BRASIL, 2010).

Assumindo que a garantia jurídico-legal de manifestar periodicamente preferências entre alternativas políticas através do voto deve ser um direito assegurado a todos os membros de uma organização social – além de uma condição *sine qua non* para distinguir regimes democráticos de autárquicos – (DAHL, 1989), consideramos a resolução nº 23.219/2010 um grande avanço para democracia brasileira. Afinal, abre-se margem institucional, a partir dessa ação jurídica, para a inclusão de cidadãos cujos direitos políticos constitucionais vinham sendo infringidos até aquele momento no sistema eleitoral brasileiro.

Não obstante, tendo também em conta a condição seis, a referente à efetivação da execução das ordens dos servidores públicos pelas instituições de uma organização social, parece-nos adequado apreciar a efetividade prática da resolução judicial do TSE. Em outros termos, cabe questionar-se se, e, além disso, em que medida, os órgãos competentes do Estado brasileiro têm conseguido garantir com que as pessoas aprisionadas de forma preventiva tenham acesso às urnas.

¹⁷ A resolução nº 23.219/2010 também versa sobre o direito do voto de adolescentes internados que cumprem medidas socioeducativas. Porém, como esse não é nosso objeto de pesquisa, decidimos não o abordar no artigo.

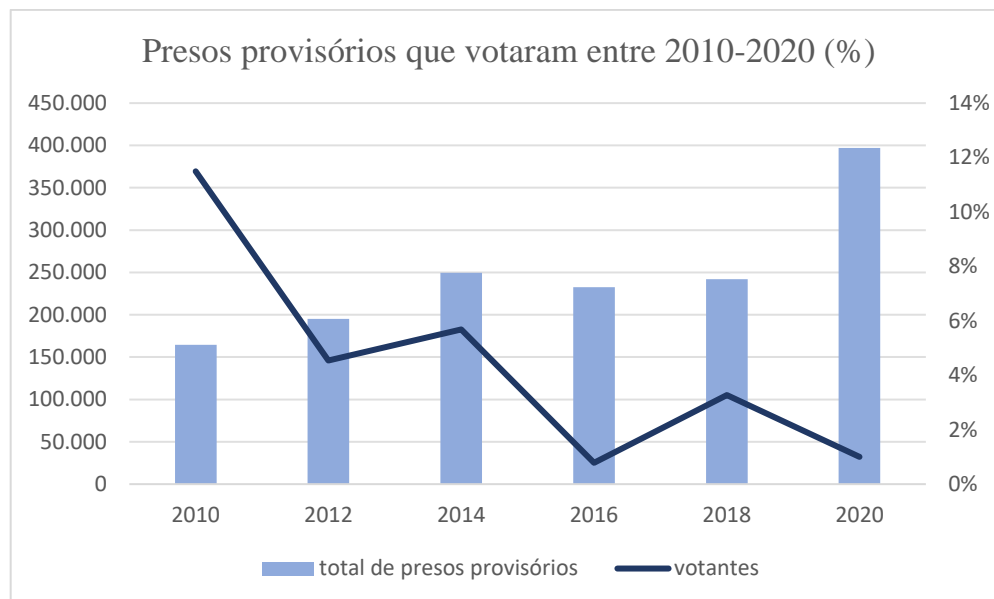


Gráfico 1. Elaboração própria, com base em dados de: DEPEN, TSE, Pindograma e O Globo.

Como resultado, constatamos que em 2010, ano em que número de presos provisórios que tiveram acesso às urnas atingiu o ápice, apenas cerca de 11% desse grupo integrante do eleitorado brasileiro conseguiu votar. Já nos anos consecutivos, o percentual de presos provisórios que manifestaram suas preferências entre as alternativas de candidatos sequer chegou à faixa dos 6% (2014), atingindo mínimas de cerca de 1% em 2016 e 2020.

À medida que a quantidade de encarcerados aumenta exponencialmente no Brasil, o Estado brasileiro, de acordo com Pereira (2018), tem se mostrado demasiadamente ineficaz em assegurar a inclusão de cidadãos na condição de presos provisórios nos processos eleitorais, os quais, embora tenham seus direitos políticos salvaguardados pela Carta Magna de 1988, são colocados à margem desse sistema político considerado democrático e pluralista (SARTORI apud OLIVEIRA, DUAILIBE, 2010).

O pouco caso do Estado com a participação dessa minoria no processo democrático denota a invisibilidade do grupo, que sequer tem conseguido manifestar sua opinião através da escolha dos representantes, mesmo sendo afetados diretamente pelas ações dos que ascendem ao Poder pela via das urnas eletrônicas (PEREIRA, 2018, p. 43).

Ainda vale destacar que o sistema eleitoral brasileiro, em suma, se divide entre dois métodos de escolha de líderes políticos: majoritário e proporcional. Isto é, vence aquele candidato cuja legenda do partido político recebeu o maior número de votos (para escolha de prefeitos, governadores estaduais e presidente da República, bem como para candidatos ao senado federal – no caso do

método majoritário); ou, dando preferência aos candidatos mais votados proporcionalmente ao total de votos na legenda de cada partido (no método proporcional, aplicado às eleições legislativas para escolha de vereadores e deputados estaduais e federais) (CARVALHO, 2006).

Se o processo eleitoral brasileiro atende à regra da maioria, mais ou menos, aos moldes de Dahl (1989), a falta de acesso às urnas por parte dos presos provisórios, dessa forma, representa um sério entrave ao funcionamento pleno do sistema político brasileiro. Pois, pressupõe-se que algumas centenas de votos de uma população (aqui, presos provisórios) em algum candidato ou partido, dependendo das circunstâncias, poderiam ser indispensáveis para determinar a quantidade de cadeiras no poder legislativo que partido x, y, z etc. terá direito, ou mesmo qual político ocupará ou não uma cadeira no parlamento.

Ademais da regra da maioria, muito pouco acessada no caso da maximização do processo democrático para os presos provisórios no Brasil, se avançarmos nas condições estipuladas por Dahl (1989) para o atingimento de uma democracia poliárquica, pode-se verificar que se encontram ainda mais entraves institucionais quando se trata da integração do preso provisório à democracia brasileira.

Logicamente, se restritos do direito de ir e vir, porque encarcerados, todos na condição de presos, incluídos os provisórios, não tem o direito de se filiarem a um partido e, posteriormente, se candidataram. No caso dos presos provisórios, como não tiveram seus direitos políticos temporariamente cassados conforme a norma constitucional de 1988, se são privados do direito de se candidatar, poder-se-ia deduzir daí uma evidente inconstitucionalidade. Em diálogo com essa questão, pode-se dizer que os presos provisórios são sumariamente excluídos da quarta condição, que dispõe sobre apresentação de ideias políticas opostas à organização social que integra, caso o cidadão não seja contemplado por nenhuma das alternativas apresentadas (DAHL, 1989).

Para mais, como última questão, se coloca o acesso à informação – a quarta condição para uma democracia poliárquica entre as apresentadas com base em Dahl (1989).

Por um lado, sabe-se que as campanhas eleitorais no Brasil, cujo objetivo principal seria o de divulgar as propostas dos candidatos a serem eleitos, geralmente, acontecem por meio do horário destinado à propaganda eleitoral gratuita transmitida por rádio e televisão (lei 7.504/97). Há de se notar também uma progressiva e relativamente recente influência das mídias digitais – cada vez mais utilizadas para alavancagem de candidatos em campanhas políticas, assim como para a ampliação dos espaços de deliberação pública, através da divulgação de campanhas pelos meios digitais –, no processo de disputa democrática no Brasil.

Ainda que um fenômeno novo, tem sido desenvolvidos uma série de estudos ligados a esse assunto, dentre os quais podemos destacar o de Arthur Ituassu e outros (2019), Azevedo Jr. (2019), ambos evidenciam que o uso das redes sociais como ferramenta constituir grupos de pressão política (AZEVEDO Jr., 2019) e atrair eleitores tem sido, além de cada vez mais empregados, indubitavelmente, no Brasil dos últimos anos, tem sido um fator determinante para a escolha de candidatos pelos eleitores (ITUASSU et al., 2019).

Por outro lado, em consonância com Carvalho (2020), por mais que, tanto pelo enfoque do Direito Constitucional quanto pelo dos Direitos Humanos, qualquer encarcerado não deva ser privado de nenhuma liberdade, senão a de ir e vir livremente, no Brasil há mecanismos legais e burocrático-administrativos que inviabilizam o direito à informação por parte desse grupo. Uma dessas restrições, prevista pelo artigo 50, inciso III, (incluído pela Lei nº 11.466/07) da Lei de Execuções Penais, de 1984, determina a proibição de se manter contato o mundo exterior por meio de aparelhos eletrônicos ou digitais (como rádio, televisão, aparelhos telefônicos, internet etc.). Ainda, segundo Carvalho (2020), são enquadrados criminalmente, pelo artigo 349 do Código Penal aqueles que facilitarem a entrada de aparelhos desses tipos nas unidades prisionais brasileiras. Portanto, do ponto de vista legal, o acesso a informações atualizadas acerca da política brasileira é extremamente restrito ou mesmo nulo.

É de conhecimento notório, veiculado esporadicamente pela mídia, o uso de aparelhos digitais (sobretudo celulares) em presídios. No entanto, não se pode constatar que esses aparelhos estejam sendo utilizados para o recebimento de quaisquer informações políticas. Por isso, acredita-se, à luz da teoria dahlsiana, que caberiam às instituições do Estado garantirem o acesso à informação de qualidade, por meio da educação e da mídia. Não sendo salvaguardado na prática o direito à informação, encontra-se outro entrave imposto à participação política desse grupo durante e entre o processo eleitoral brasileiro, dado que, ao menos do ponto de vista legal, o direito à informação e à comunicação, do preso provisório, na prática administrativa, é cassado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificou-se muitos limites das condições para democratização, expostas por Dahl (1989) quando elencadas com pessoas presas antes de terem sido julgadas, sem condenação transitada em julgado. O Brasil, apesar de ser considerado um Estado democrático de direito, tem um histórico contínuo e infundável de repressão violenta e violação de direitos humanos, principalmente

por parte das polícias militares, contra seus cidadãos negros, pobres e periféricos. Quando se trata de executar políticas sociais, que elevem o nível de qualidade de vida dessa população, o Estado brasileiro, no mais das vezes, se mostra absente e negligente. O avanço descomunal do projeto neoliberal, e sua política de ajuste fiscal *austericida* tem agravado ainda mais as desigualdades sociais econômicas abissais entre o povo brasileiro. Somente inclui-se os socialmente “excluídos” na agenda neoliberal, quando não para integrar as fileiras cada vez maiores do exército de trabalhadores-reversa caso sejam “bons cidadãos”, para trancafiá-los de maneira massiva em jaulas, totalmente aparte do restante sociedade civil, muitas vezes, sob a justificativa policial de tráfico ilegal de drogas, baseada numa legislação extremamente subjetiva e discriminatória¹⁸. Nas palavras de Forrester: “ainda mais apagados, riscados, escamoteados dessa sociedade, eles são chamados de excluídos. Mas, ao contrário, eles estão lá, apertados, encarcerados, incluídos até a medula! [...] Incluídos, e em descrédito!” (1997, p. 15 apud RANGEL, BICALHO 2017).

Tudo isso nos leva a crer que a ausência quase total de direitos políticos para presos provisórios no Brasil seja reflexo da carência de direitos humanos básicos para a população pobre e negra, seja convivendo na sociedade civil em menor grau, seja dentro de presídios, onde a situação se agrava ainda mais. Apesar disso, insiste-se que a resolução do TSE pode ser apontada como um sinal positivo visando o alargamento da extensão da democratização no Estado brasileiro. Pós regulamentação da garantia do direito ao voto, precisa-se superar entraves administrativos e institucionais que impossibilitam a instalação de seções eleitorais em cadeias, para que então possa-se dizer que a resolução do TSE teve amplos efeitos sobre a inclusão de presos provisórios no sistema político brasileiro.

Em relação às outras condições elencadas em Dahl (1989), mais uma vez, coloca-se muitos entraves, não somente institucionais, mas também jurídico-legais e administrativo, principalmente em relação ao acesso à informação, limitando-se, assim, ainda mais o grau de atividade política e treinamento social deste grupo populacional nas normas/condições estipuladas pelo autor. Por fim, conclui-se que o Brasil é um país de assimetrias sociais espantosas, mas parece que quando se trata de grupos específicos, como o de pessoas aprisionadas essas assimetrias se aprofundam drasticamente. Ainda tem de se avançar muito na garantia de

¹⁸ Conforme dados estatísticos atualizados do DEPEN, a maior parcela de cárceres no Brasil está enquadra na Lei n.º 11.343/2008, vulgarmente conhecida como *Lei de Drogas*. Embora o uso pessoal de drogas ilícitas no Brasil, seja permitido, o plantio, produção e comercialização desses narcóticos é punida criminalmente, algo que por si só já é uma contradição absurda. Mas, para mais, esta lei adota *nenhum* critério objetivo para diferenciar tráfico ilegal de consumo pessoal, o que nos leva a acreditar que esta é uma lei seletiva, que atende ao propósito de promover higienização social.

direitos humanos, sociais e políticos para que, e somente então, consigamos afirmar com tranquilidade que este país verdadeiramente é democrático e igualitário para todos os grupos demográficos que se encontram abaixo da legislação deste Estado.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO Jr., A. C. Partidos tíbios, caciques fortes e pressão pública via redes sociais, 2019. pp. 108-124. In: **O Brasil vai às urnas: as campanhas eleitorais para presidente na TV e internet.** (org.) PIMENTEL, C.; TESSEROLI, R. Londrina Syntagma Editores, 2019, pp. 15-49. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Pedro-Pimentel/publication/337444967_O_Brasil_vai_as_urnas_as_campanhas_eleitorais_para_presidente_na_TV_e_internet/links/5dd7e4b2299bf10c5a27526b/O-Brasil-vai-as-urnas-as-campanhas-eleitorais-para-presidente-na-TV-e-internet.pdf#page=15. Acesso em: set. 2020.

BRASIL. *Tribunal Superior Eleitoral.* Faltam 11 dias: presos provisórios e adolescentes internados vão votar em 121 seções especiais. Tribunal Superior Eleitoral, set. 2018. Disponível: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2016/Setembro/faltam-11-dias-presos-provisorios-e-adolescentes-internados-va-votar-em-121-secoes-especiais> . Acesso em. set. 2021.

BRASIL. Constituição Federal (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil.* Brasília: Presidência da República, 1988.

_____. Tribunal Superior Eleitoral. *Resolução nº 23.219.* Relator: Ministro Arnaldo Versiani. 2010. Brasília: Coordenadoria de Jurisprudência. 2010. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/legislacao-tse/res/2010/RES232192010.htm>. Acesso em: set. 2021.

CARVALHO, E. A. **O sistema eleitoral brasileiro:** uma análise sobre a questão da desproporcionalidade. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2006, p. 15-31. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/1506/DissEAC.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

CARVALHO, T. M. O direito do preso a comunicação e informação e a incompatibilidade do art. 50, inciso VII da Lei de Execuções Penais. *Âmbito Jurídico*, v. 200, set. 2020. Disponível em: https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/o-direito-do-presos-a-comunicacao-e-informacao-e-a-incompatibilidade-do-art-50-inciso-vii-da-lei-de-execucoes-penais/#_ftn1

COPPEDGE, M. et al. **V-Dem Methodology v10: Varieties of Democracy**, v. 10. Instituto V-Dem, Universidade de Gotemburgo, Gotemburgo, mar. 2020 Disponível em: https://www.v-dem.net/media/filer_public/94/87/94876a61-1682-4227-baa0-ab927645d507/method.pdf.

DAHL, R. **Um prefácio à teoria democrática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1989.

_____. **Poliarquia: participação e oposição**. 1. ed., São Paulo: Ed. USP. 2005.

DEPEN. Departamento Penitenciário Nacional. **Relatórios Analíticos**. Disponível em: <https://www.gov.br/depen/pt-br/sisdepen/mais-informacoes/relatorios-infopen>.

Acesso em: set. 2021.

_____. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de Informações Analíticas**. Disponível em: <https://www.gov.br/depen/pt-br/sisdepen>. Acesso em: set. 2021.

ITUASSU, A. et al. Campanhas online e democracia: as mídias digitais nas eleições de 2016 nos Estados Unidos e 2018 no Brasil, 2019. In: **O Brasil vai às urnas: as campanhas eleitorais para presidente na TV e internet**. (org.) PIMENTEL, C.; TESSEROLI, R. Londrina Syntagma Editores, 2019, pp. 15-49. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Pedro-Pimentel/publication/337444967_O_Brasil_vai_as_urnas_as_campanhas_eleitorais_para_presidente_na_TV_e_internet/links/5dd7e4b2299bf10c5a27526b/O-Brasil-vai-as-urnas-as-campanhas-eleitorais-para-presidente-na-TV-e-internet.pdf#page=15.

O GLOBO. Bolsonaro ou Hadad? Veja em quem os presos brasileiros votaram. MARIZ, R. out. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-ou-haddad-veja-em-quem-os-presos-brasileiros-votaram-23359518>. Acesso em: set. 2020.

OLIVEIRA, B. Q.; DUAILIBE, E. P. Sistemas partidários e sistemas eleitorais: as leis sociológicas de Maurice Duverger e Giovanni Sartori no cenário político brasileiro.

Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI, Fortaleza, jun. 2020. Disponível em: [http://www.publi-](http://www.publi-cadi-reito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3069.pdf)

[cadi-reito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3069.pdf](http://www.publi-cadi-reito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3069.pdf)

PEREREIA, J. L. A. *A crise da democracia representativa no Brasil e a invisibilidade do voto do preso provisório nas eleições de 2010, 2012, 2014 e 2016*. **Monografia** (Trabalho de Conclusão de Curso Direito). Universidade do Estado do Amazonas, 2018. Disponível em:

<http://177.66.14.82/bitstream/riuea/1846/1/A%20crise%20da%20democracia%20representativa%20no%20Brasil%20e%20a%20invisibilidade%20do%20voto%20do%20preso%20provis%3%b3rio%20nas%20elei%c3%a7%c3%b5es%20de%202010%2c%202012%2c%202014%20e%202016.pdf>. Acesso em: set. 2021.

RANGEL, F. M., BICALHO, P. P. G. O alongamento do tempo de prisão e a violação de direitos na custódia de presos no Brasil. **Avances en Psicología Latinoamericana**, n. 35 v.3, Bogotá, 2017 pp. 473-483. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/799/79952834005/html/#:~:text=O%20alongamento%20do%20tempo%20de,cust%C3%B3dia%20de%20presos%20no%20Brasil&text=Resumo%3A%20O%20presente%20artigo%20teve,sistema%20prisonal%20brasileiro%20na%20atualidade.&text=Palavras%2Dchave%3A%20crime%2C%20pris%C3%A3o,%2C%20pol%C3%ADticas%20p%C3%ABlicas%2C%20problemas%20sociais>. Acesso em: set. 2020.

REVISTA PIAUÍ. **Eleição atrás das grades**. SIEMSEN, P., 7 jan. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/eleicao-atras-das-grades/>. Acesso em: set. 2021.

SCHUMPETER, J. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

BOLSONARISMO E SERVIDÃO VOLUNTÁRIA: ENSAIO TEÓRICO-REFLEXIVO A PARTIR DO PENSAMENTO DE ÉTIENNE DE LA BOÉTIE

BOLSONARISM AND VOLUNTARY SERVITUDE: THEORETICAL-REFLECTIVE ESSAY BASED ON THE THOUGHT OF ÉTIENNE DE LA BOÉTIE

Iago Gonçalves Ferreira¹⁹

RESUMO. Nos últimos anos, o Brasil tem vivenciado uma conjuntura de profunda polarização política e social, agravada pela ascensão do fenômeno do Bolsonarismo, movimento político-ideológico caracterizado pelo radicalismo político, pelas pautas conservadoras no âmbito social e liberais na economia, assim como pelo militarismo e armamentismo, sob liderança do ex-presidente Jair Bolsonaro. O extremismo bolsonarista mostrou-se ainda mais evidente nas eleições presidenciais de 2022 e na transição de governo, com os ataques às instituições e à democracia brasileiras. Frente ao cataclísmico cenário político-social brasileiro, esse ensaio teórico-reflexivo busca analisar o fenômeno do Bolsonarismo a partir das perspectivas da obra 'Discurso da Servidão Voluntária', de autoria do filósofo francês Étienne de La Boétie.

PALAVRAS-CHAVE: Política Brasileira; Democracia; Autoritarismo; Tirania.

ABSTRACT: In recent years, Brazil has experienced a situation of profound political and social polarization, aggravated by the rise of the Bolsonarism phenomenon, a political-ideological movement characterized by political radicalism, by conservative agendas in the social sphere and liberal ones in the economy, as well as by militarism and armaments, under the leadership of former President Jair Bolsonaro. Bolsonarist extremism was even more evident in the 2022 presidential elections and in the transition of government, with attacks on Brazilian institutions and democracy. Faced with the cataclysmic Brazilian political and social scenario, this theoretical-reflective essay seeks to analyze the phenomenon of Bolsonarism from the perspectives of the work 'Discourse of Voluntary Servitude', by the French philosopher Étienne de La Boétie.

KEYWORDS: Brazilian politics; Democracy; Authoritarianism; Tyranny.

¹⁹ Médico, Mestre em Ensino e Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

INTRODUÇÃO

Na última década, o Brasil tem vivenciado um cenário de profunda polarização política e social. A crise de representatividade político-partidária, a estagnação econômica e a ascensão de movimentos de extrema-direita delinearam uma conjuntura de instabilidade institucional e de graves ameaças ao Estado Democrático de Direito no país. O inconformismo e a aversão de determinados segmentos sociais ao meio político — e à própria Política — favoreceu a candidatura à Presidência do capitão do Exército reformado Jair Messias Bolsonaro, que alçou ao cargo após a vitória nas eleições de 2018.

Ao longo do mandato presidencial, Bolsonaro atuou mais como candidato que estadista, incitando conflitos com os demais poderes da República, inflamando suas bases de apoiadores e parlamentares com reiteradas investidas contra governadores e ministros do Superior Tribunal Federal (STF)¹, bem como afrontando as instituições por meio de ameaças veladas de ruptura democrática. As posturas beligerantes de Bolsonaro encontravam suporte em seus grupos de apoiadores e correligionários, articulados e organizados para fortalecer as retóricas e pautas alçadas ao debate público pelo ex-presidente.

Comprometidas com a defesa do projeto de Bolsonaro, as bases bolsonaristas organizaram recorrentes ações pró-governo, mobilizando-se ativamente nas redes sociais e aplicativos de mensagens, bem como nos protestos e nas famigeradas 'motociatas', atos convocados pelo próprio mandatário como demonstração de apoio e legitimidade política, mesmo nos períodos mais críticos da pandemia da Covid-19.

Frente a esse cenário, as movimentações bolsonaristas no decorrer da 'corrida eleitoral' de 2022 não se presumiriam menos exorbitantes. Ao contrário, revelaram-se ainda mais intensas e difusas, avigoradas pela ampla base de parlamentares candidatos apoiadores do governo. Por conseguinte, os militantes bolsonaristas demonstraram um pujante e obstinado empenho em prol de sua reeleição, externando ânimos bastante aguerridos e exaltados, que culminaram em casos de violência ao longo da campanha. Contudo, a despeito da renitência dos seguidores e atuação impetuosa governista, Bolsonaro foi derrotado no segundo turno das eleições pelo então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Em convergência com a retórica contestatória e beligerante — fomentada por Bolsonaro durante todo o mandato—, agrupamentos bolsonaristas passaram a rejeitar o resultado do pleito, questionando a confiabilidade das urnas eleitorais e a imparcialidade do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Assim, ainda no dia 30 de outubro de 2022, organizaram-se em bloqueios em rodovias, passeatas e

acampamentos em frente a quartéis, requerendo a intervenção das Forças Armadas e o impedimento da posse do presidente eleito Lula.

Nessas manifestações antidemocráticas e inconstitucionais, cenas de excentricidade, desvario e fanatismo político foram difundidas pelas redes sociais, plataformas de vídeos e aplicativos de mensagens instantâneas, explicitando ao país o quadro de dissonância cognitiva que parcela da população vivenciava. Tais movimentos se estenderam ao longo dos últimos meses de mandato de Bolsonaro, atingindo o ápice da insensatez e barbaridade nos ataques deflagrados às sedes dos Três Poderes da República, por grupos bolsonaristas, em 8 de janeiro de 2023.

Diante de tal cataclismo histórico, emergem indagações e incompreensões acerca dos sustentáculos do bolsonarismo, que subsidiam os despautérios de seus apoiadores. À vista disso, sob o prisma dos recentes acontecimentos, esse ensaio teórico-reflexivo busca analisar o fenômeno do bolsonarismo a partir dos conceitos e perspectivas da obra '*Discurso da Servidão Voluntária*', de autoria do filósofo francês Étienne de La Boétie (1530-1563), tendo em vista que, embora concebido há cerca de cinco séculos, o escrito desenvolve importantes reflexões e concepções acerca das dinâmicas de idolatria e fanatismo que podem surgir entre grupos sob a influência de personalidades tirânicas.

A irrupção do bolsonarismo: a reascensão da extrema-direita brasileira sob o culto a Bolsonaro

Os momentos de autoritarismo e regressão democrática têm sido recorrentes na história do Brasil. Seja na Proclamação da República em 1889, advinda de um golpe militar, na Revolução de 1930 e Estado Novo em que Getúlio Vargas ascendeu à Presidência e estabeleceu um regime ditatorial, ou no Golpe Militar de 1964 e seus subsequentes "Anos de Chumbo" (1964-1984), a democracia brasileira têm convivido com ameaças e supressões reiteradas, evidenciando um caráter pendular das dinâmicas político-sociais brasileiras (AVRITZER, 2018; GOMES, 2020).

Segundo Avritzer (2018), a natureza pendular dos processos político-sociais brasileiros manifesta-se ora a partir de um forte entusiasmo democrático, propiciando a ampliação da soberania popular e dos direitos, ora por fortes divisões políticas e dissonâncias na sociedade, contribuindo com a ascensão de projetos políticos autoritários (AVRITZER, 2018). Nesse sentido, a conjuntura de cisão e polarização política e social emergente no país, a partir das Jornadas de Junho de 2013 e a acirrada disputa eleitoral de 2014, favoreceu o ressurgimento de movimentos e visões políticas de extrema direita no Brasil, os quais encontram espaço na candidatura do então deputado federal Jair Messias Bolsonaro.

Assim, após décadas de desempenho parlamentar incipiente e controverso no Congresso Nacional, o capitão reformado Bolsonaro vislumbrou a oportunidade de se alçar à Presidência da República em sequência à derrota do candidato de centro-direita Aécio Neves para a petista Dilma Rousseff nas eleições de 2014. Em discurso na formatura de oficiais da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), ao final daquele ano, Bolsonaro prenunciou sua candidatura presidencial no pleito de 2018, com o objetivo de “jogar o Brasil para direita”², de acordo com o parlamentar.

Nos anos subsequentes, em meio ao inconformismo de expressivos segmentos da sociedade com a reeleição da ex-presidente Dilma Rousseff, Bolsonaro procurou incessantemente viabilizar sua candidatura presidencial, promovendo-se através de reiteradas aparições e participações em programas jornalísticos e de entretenimento, engajando as bases de apoiadores nas redes sociais, além de realizar viagens a diversas localidades do país, conquistando simpatizantes e militantes para a futura campanha à Presidência. Dessa maneira, o movimento de extrema-direita capitaneado por Bolsonaro se adensou e difundiu progressivamente, baseado nas agendas de costumes, na opressão de minorias identitárias, no militarismo e ufanismo nacionalista, e na defesa do armamentismo civil.

Por conseguinte, não obstante os 27 anos de mandato parlamentar, Jair Bolsonaro emerge ao pleito eleitoral de 2018 sob a reivindicação de papel de ‘outsider antissistema’, em similaridade à estratégia adotada por sua principal inspiração política a época, o ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump, que havia incorporado a retórica de ‘outsider’ em sua campanha eleitoral vitoriosa de 2016.

Nesse sentido, a campanha de Bolsonaro à Presidência assumiu como temas, além das tradicionais pautas militares e conservadoras dos tempos de parlamentar, a crítica veemente às gestões petistas e o “combate ao comunismo”, a defesa do livre mercado e da redução do Estado — personificados na figura do aspirante a ministro da Economia Paulo Guedes —, bem como a bandeira anticorrupção, valendo-se do forte apelo midiático e popular que gozavam a Operação Lava-Jato e seus principais personagens o juiz Sérgio Moro e o procurador Deltan Dallagnol.

A despeito dos oitos segundos em cada bloco de propaganda eleitoral e das onze inserções ao longo do primeiro turno³, a candidatura de Bolsonaro incorporou o amplo uso das mídias digitais e redes sociais como principal estratégia de mobilização de apoiadores e divulgação da campanha, atenuando assim a discrepância em relação aos demais candidatos. Ademais, o atentado sofrido por Bolsonaro, durante ato de campanha na cidade de Juiz de Fora em 6 de setembro

de 2018⁴, capturou o noticiário e o debate público do país, tornando-o ainda mais conhecido entre a população.

Frente a pulverizada e acirrada disputa eleitoral de 2018, a inviabilização da candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva — substituído por Fernando Haddad — também contribuiu com o processo de ascensão de Bolsonaro, que alcançou o segundo turno em ampla vantagem, favorecendo expressivamente as eleições de parlamentares e governadores aliados. A denominada ‘onda bolsonarista’ possibilitou a eleição de 52 deputados federais, quatro senadores e três governadores do partido do candidato (Partido Social Liberal - PSL) (ALMEIDA, 2019), revelando a força do movimento de extrema-direita no Brasil.

O segundo turno das eleições foi marcado por uma polarização intensa entre as candidaturas de Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT), em que a campanha petista tentou ressaltar os riscos de uma eventual eleição de Bolsonaro, tendo em vista o histórico de apoio à ditadura militar e a opressão às minorias pregadas pelo parlamentar, ao passo que o discurso bolsonarista focava-se nas pautas de costumes, no medo de uma deterioração da economia brasileira em semelhança ao cenário da vizinha Venezuela e, sobretudo, na exploração dos escândalos do ‘Mensalão’ e ‘Petrolão’ atribuídos aos governos do PT.

Em meio à conjuntura adversa e polarizada, Bolsonaro elegeu-se Presidente da República em 28 de outubro de 2018, obtendo 57.797.847 de votos (55,13% dos votos válidos) pela Coligação ‘*Brasil Acima de Tudo, Deus Acima de Todos*’ (BRASIL., 2018). A vitória de Bolsonaro baseou-se em um eleitorado predominantemente do Centro-Sul, masculina, branca e de classe média, com importante aderência dos grupos evangélicos (ALMEIDA, 2019; BALDAIA; ARAÚJO; ARAÚJO, 2021).

Segundo Almeida (2019), as principais dinâmicas políticas e sociais que propiciaram a emergência de Bolsonaro referem-se ao papel do Estado na economia e as pautas de moralidade e costumes. Acerca das ações do Estado, parte da classe média brasileira compreendeu as políticas de inclusão e proteção social dos governos petistas como instrumentos de fomento à acomodação e fidelização dos beneficiados a um partido político. Tal concepção se agravou com a deterioração econômica iniciada em 2015, que favoreceu o surgimento de um sentimento de desamparo, por do Estado, nessas parcelas da sociedade. Como resultado, avultaram-se discursos e ideias de valorização da iniciativa privada e do esforço individual, convergentes ao campo político neoliberal (ALMEIDA, 2019).

Por outro lado, as transformações sociais, as conquistas de direitos e o processo de secularização, emergentes desde a redemocratização, produziram um movimento de reação por parte de determinados setores e grupos conservadores da sociedade brasileira, delineando assim uma conjuntura de

disputa pela moralidade pública, favorecida pela expansão das igrejas pentecostais e neopentecostais no país nas últimas décadas, cujas concepções religiosas revelam forte apelo moralizante (ALMEIDA, 2019).

Nesse sentido, frente às particularidades e ao ineditismo do movimento conservador de extrema-direita ascendente no Brasil por intermédio de Bolsonaro, pesquisadores da área de ciências sociais procuraram compreender a constituição, as motivações e as repercussões do fenômeno social que se revelava, o qual tornou-se conhecido como 'Bolsonarismo', tendo em vista o marcado caráter personalista, idolátrico e até mesmo messiânico demonstrado por seus seguidores.

Esses traços típicos do Bolsonaro manifestaram-se claramente — e incrementalmente — ao longo do governo Bolsonaro, de maneira que, a despeito do estilo autoritário, postura antidemocrática e reiterados ataques ao meio ambiente, aos direitos humanos e às instituições democráticas demonstrados pelo ex-mandatário, os grupos de apoiadores bolsonaristas atuaram intensamente em apoio ao ex-presidente, ignorando a factibilidade e a plausibilidade de seus argumentos e posições.

A respeito da adoração e anuência irrefletidas provocadas pelo Bolsonaro, Baldaia, Araújo e Araújo (2021) sublinham a influência das redes digitais bolsonaristas nos comportamentos e visões dos seguidores, atuando através da disseminação de informações falsas ou distorcidas, e empregando linguagens e práticas que aprofundam a polarização e a beligerância na sociedade (BALDAIA; ARAÚJO; ARAÚJO, 2021). Desse modo, organizadas a partir de páginas em redes sociais, grupos em aplicativos de mensagens, canais de vídeos e portais de mídia alternativa, as redes bolsonaristas procuram, além de influenciar os comportamentos das bases de apoio a Bolsonaro, pautar os debates da esfera pública brasileira.

Em perspectiva consonante, Gomes (2020) salienta a recusa a informação e a aversão ao conhecimento como marcantes traços do Bolsonaro, de maneira a exercerem o papel de mecanismos de defesa e de preservação da vontade autoritária do líder, no caso, o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (GOMES, 2020).

Dessa maneira, ante às visões e crenças que alimentam os comportamentos e posicionamentos devotos dos bolsonaristas, a obra 'Discurso da Servidão Voluntária' de Étienne de La Boétie pode contribuir para a compreensão desse fenômeno político-social denominado Bolsonaro.

Bolsonarismo e Servidão Voluntária: as dinâmicas entre bolsonaristas e Bolsonaro sob a perspectiva de Étienne de La Boétie

Étienne de La Boétie (1530-1563) foi um notável filósofo e escritor — nascido na cidade de Sarlat-la-Canéda, sudoeste da França — o qual refletiu acerca de contextos políticos e sociais do século XVI, elaborando diversos escritos ao longo de seus 32 anos de vida. Dentre os manuscritos de La Boétie, destaca-se a obra '*Discurso da Servidão Voluntária*', publicada somente em 1576 por intermédio de seu grande amigo, Michel de Montaigne, que postergou a divulgação do texto por considerar a conjuntura política francesa, à época, bastante efervescente (GRANDI; PINHEIRO, 2022; SOUSA, 2017).

Segundo relatos de Montaigne, La Boétie teria produzido sua obra mais notória, '*Discurso da Servidão Voluntária*', quando tinha entre 16 e 19 anos. Todavia, estudos recentes têm considerado que, ante à complexidade, originalidade e contundência do texto, a versão final adviria de uma análise mais elaborada de Étienne, após ter ocupado diversos cargos administrativos e vivenciado proximamente o funcionamento do Estado francês sob uma monarquia absolutista (GRANDI; PINHEIRO, 2022; KARNAL, 2017; SOUSA, 2017).

No texto de '*Discurso da Servidão Voluntária*', La Boétie aborda as dinâmicas de opressão e subserviência desenvolvidas entre governantes tirânicos e populações governadas, argumentando que o autoritarismo e o poder, impostos por um tirano, advêm do consentimento dos indivíduos, os quais abdicam do exercício pleno de suas liberdades em prol de se sujeitar aos comandos da tirania governante (GRANDI; PINHEIRO, 2022; SOUSA, 2017). A partir desse entendimento, La Boétie concebe o conceito de 'servidão voluntária', na medida em que, como aponta Sousa (2017), "não existe opressão sem o consentimento ativo ou resignado dos oprimidos" (SOUSA, 2017, p. 87).

Não obstante o volume sucinto de texto, cerca de 50 páginas, o escrito de La Boétie é considerado um clássico da filosofia política, desvelando concepções e reflexões que, mesmo após cinco séculos, ainda se mostram pertinentes e relevantes frente aos contextos políticos atuais. Tal abrangência analítica, torna-se evidente a partir das considerações do autor acerca dos tiranos:

[...] como é possível que tantos homens, tantos burgos, tantas cidades, tantas nações tolerem, por vezes, um tirano sozinho, cujo único poder é aquele que lhes conferem; cujo poder de lesá-los depende apenas da vontade que têm de tolerá-lo; que não lhes faria mal algum se não preferissem sofrer a contradizê-lo (LA BOÉTIE, 2017, p. 34).

Há três tipos de tiranos: uns possuem o reino por eleição do povo, outros por força das armas, outros pela sucessão de sua raça. (...) para dizer a verdade, vejo bem que há alguma diferença entre eles, mas nenhum é preferível a outro; embora os meios de chegar ao reino variem, o modo de reinar é

sempre semelhante: os eleitos tratam o povo como se fossem touros a serem domados; os conquistadores consideram-no sua presa; e os sucessores gostam de fazer dele seu escravo natural (LA BOÉTIE, 2017, p. 47).

Nessas passagens, La Boétie ressalta que as tiranias podem emergir em distintos cenários, povos, nações e regimes políticos, inclusive em democracias, sublinhando assim a amplitude e o caráter atemporal do fenômeno, o que possibilita, em certa medida, a extensão das perspectivas do filósofo para a compreensão do Bolsonarismo no Brasil do século XXI.

Embora gestado desde o término das eleições de 2014, o Bolsonarismo passou a desvelar-se mais claramente na campanha eleitoral de 2018. Enquanto deputado, Bolsonaro tornou-se conhecido pela defesa das pautas corporativas de militares, angariando apoio e votos da “família militar”. Contudo, frente à aspiração presidencial emerge também a necessidade de projeção nacional e, conseqüentemente, de ampliação retórica visando o engajamento de outros segmentos da sociedade (PETRARCA, 2021).

Nessa perspectiva, o Bolsonarismo consolida-se progressivamente no cenário nacional, agregando grupos de evangélicos, de empresários e da classe média, a partir de pautas ideológicas que abrangiam elementos do Conservadorismo⁵, ‘Lavajatismo’⁶ e ‘Olavismo’⁷ (PETRARCA, 2021). Assim, baseando-se em retóricas ideológicas e excepcionalistas, Bolsonaro concebeu sua figura perante o eleitorado brasileiro como um ‘outsider’ da política, um defensor do povo brasileiro, o “escolhido” por Deus para liderar o Brasil rumo à “salvação”.

Por esse prisma, a respeito da construção de representações de apelo popular em tiranias, La Boétie realça a adoção desses recursos retóricos por imperadores romanos:

Os imperadores romanos também não se esqueceram de assumir com frequência o título de tribunos do povo, pois tal ofício era tido como santo e sagrado e, além disso, era estabelecido para a defesa e a proteção do povo, sob o favor do Estado. Por meio dele, garantiam maior confiança popular, como se ao povo bastasse ouvir o título, sem prestar atenção em seus efeitos (LA BOÉTIE, 2017, p. 63).

A retórica de defensor ‘do povo’ e dos ‘valores da família’, concebidas por Bolsonaro, encontram espaço entre grupos sociais que, desde as Jornadas de Junho de 2013, demonstravam despreço e desconfiança em relação ao Estado brasileiro e às instituições, atribuindo ao *status quo* político a responsabilidade por todos os males da sociedade, rotulando-o como a “velha política” (ALMEIDA, 2019). À vista disso, Bolsonaro projeta-se nas eleições de 2018 sob a figura de ‘salvador da Pátria’, preenchendo a lacuna de representatividade entre eleitores

identificados com a direita, ou mesmo entre aqueles insatisfeitos com governos anteriores.

Por outro ângulo, as disputas entorno das agendas ideológicas, incluindo o uso disseminado de estratégias de desinformação, também exerceram a função de desviar a atenção da opinião pública — seja nas campanhas eleitorais ou no decorrer do mandato — acerca dos reais obstáculos e dilemas do país, e conseqüentemente, da incapacidade de Bolsonaro em solucioná-los. Segundo o entendimento de Étienne, a distração da população figura como importante recurso de alienação e manutenção da servidão:

Os teatros, os jogos, as farsas, os espetáculos, os gladiadores, os animais exóticos, as medalhas, os quadros e outras drogas afins eram, para os povos antigos, as iscas da servidão, o preço de sua liberdade, os instrumentos da tirania. Os antigos tiranos dispunham desse meio, dessa prática, dessas tentações para entorpecer suas vítimas sob jugo (LA BOÉTIE, 2017, p. 60).

A partir dessa compreensão, poder-se-ia depreender que a tirania emergiria somente em razão da alienação dos governados pelo governante, o que figuraria uma interpretação equivocada e temerária, na medida em que isentaria a sociedade de sua parcela de responsabilidade na sustentação dos tiranos. Nessa direção, Yazbek (2020) sublinha que, sob o ponto de vista de La Boétie, o ato voluntário de servidão dos governados “aliena sua própria potência de agir, em benefício da formação de um poder alheio”. Em outros termos, o poder do tirano se “instituí por meio da alienação voluntária da multidão” (YAZBEK, 2020, p. 190).

Por essa perspectiva, grupos bolsonaristas desempenharam um papel estratégico para Bolsonaro, atuando intensamente em redes virtuais na disseminação de narrativas convenientes, notícias enviesadas ou distorcidas, bem como levantando pautas e debates favoráveis ao ex-mandatário (BALDAIA; ARAÚJO; ARAÚJO, 2021). Dessa maneira, segmentos de apoiadores do ex-presidente incorporavam ideias, discursos e crenças de forma irrefletida e, por vezes, irracional.

Se antes os comportamentos de idolatria e messianismo em torno de Bolsonaro remetiam à passionalidade político-eleitoral, no decorrer do mandato, as manifestações de bolsonaristas adquiriram contornos mais agressivos e impetuosos, abrangendo temáticas distintas do debate público, alcançando maior periculosidade e notoriedade com a emergência da pandemia da Covid-19.

Durante a pandemia, Bolsonaro se posicionou contrariamente às medidas de isolamento social e de uso de máscaras, necessárias ao controle da disseminação da Covid-19, assim como promoveu aglomerações de apoiadores, medicações com ineficácia comprovada no tratamento da infecção por Sars-Cov-2

(hidroxicloroquina e ivermectina), além de desestimular a vacinação contra a doença. Contudo, a despeito das posturas lamentáveis e controversas, parcelas significativas de apoiadores bolsonaristas mantiveram-se devotos à “cartilha” do ex-presidente, mesmo que tais ideias e práticas ameaçassem suas próprias saúdes e vidas.

Sobre a assimilação de comportamentos de risco e prejudiciais por pessoas sob domínio tirânico, La Boétie ressalta que “junto com a liberdade, perde-se em definitivo a impavidez”, de maneira que tais indivíduos tendem a lançar-se “ao perigo de modo quase servil e passivo”, desprezando riscos e almejando “alcançar, por meio de uma morte sublime em meio aos companheiros, a honra e a glória” (LA BOÉTIE, 2017, p. 58).

Sob esse prisma, Grandi e Pinheiro (2022) elucidam que, no exercício do poder, o soberano pode assumir condutas benéficas ou maléficas, contudo, em caso de desvios, não é a coerção que assegura sua posição, mas o consentimento e a aderência dos súditos (GRANDI; PINHEIRO, 2022). À vista disso, a coesão social e o arcabouço ideológico figuram como principais pilares para a sustentação de projetos tirânicos de poder.

Segundo Baldaia, Araújo e Araújo (2021), uma das principais estratégias adotadas pelo Bolsonarismo para manter a coesão entre os apoiadores, bem como lidar com impasses e críticas consiste na cooptação de aliados políticos através de nomeações em cargos públicos e de financiamentos de jornalistas, canais de notícias e influenciadores digitais (BALDAIA; ARAÚJO; ARAÚJO, 2021). Nesse sentido, acerca do poder de atração de governantes tirânicos, La Boétie elucida:

Da mesma forma, tão logo um rei faça-se tirano, todos os perversos, toda a escória do reino (...) àqueles acometidos de uma ardente ambição e uma notável avareza – aglomera-se a sua volta e o apoia para garantir seu quinhão no butim e exercer, sob o grande tirano, a própria tirania (LA BOÉTIE, 2017, p. 70).

A partir desse excerto, pode-se delinear paralelos com a conjuntura brasileira, em que determinados grupos políticos e econômicos assumiram ou assentiram com as retóricas e ações beligerantes e controversas de Bolsonaro, em busca de obter vantagens e benesses do governo.

Todavia, não somente da oferta de privilégios se sustenta o poder de governantes tirânicos, ao contrário, a persuasão retórica e a euforia ideológica figuram como principais pilares de apoio ao regime tirânico. Assim, a mera expectativa de ganhos ou a identificação com o projeto tirânico bastam para afagar seus seguidores, como apontado por Étienne:

Não penseis que há pássaro mais dado ao chamariz ou peixe mais afoito em morder o anzol do que aqueles povos que, tão rapidamente, se entregam à servidão diante da menor isca que se balance (...) é extraordinário como se deixam levar com tanta facilidade, contanto que se lhes afague um pouco (LA BOÉTIE, 2017, p. 60).

Por outro lado, aqueles que desapontam ou frustram as expectativas e ambições de um governante tirânico podem sofrer as consequências, mesmo que outrora tenham o devotado sua Servidão Voluntária, pois “a estupidez de um tirano (...) sempre o impede de praticar ações benevolentes, mas (...) o pouco que tem de inteligência acaba se revelando em sua crueldade, principalmente aquela praticada contra os mais próximos.” (LA BOÉTIE, 2017, p. 75).

Ante as concepções de La Boétie, pode-se notar contextos ilustrativos durante o governo Bolsonaro, em que reiteradamente correligionários e apoiadores do ex-presidente foram afastados de círculos de comando, exonerados de cargos, desautorizados ou aviltados publicamente, ou mesmo perseguidos por grupos bolsonaristas, ante ao não cumprimento de suas ordens, posicionamentos contrários às suas atitudes ou frustrações de suas expectativas. A respeito de condutas como essas, Étienne concebe:

o tirano vê aqueles que lhe são próximos adulando-o e mendigando seu favor: não basta fazerem o que ele lhes pede, também é preciso que adivinhem o que deseja e, com frequência, para satisfazê-lo, que ainda prevejam seus pensamentos. Além de obedecê-lo, devem agradar-lhe; é preciso que se desdobrem, que se martirizem, que se matem de trabalhar em seus afazeres; e ainda que façam do prazer do rei seu próprio prazer, que negligenciem seus gostos em favor dos dele, que reprimam seu caráter e renunciem a sua natureza; é preciso que estejam atentos a suas palavras, a sua voz, a seus sinais e a seus olhos; que não tenham nem olho, nem pé, nem mão, que tudo sirva unicamente para observar suas vontades e adivinhar seus pensamentos. (LA BOÉTIE, 2017, p. 72)

Entre os episódios mais emblemáticos do *modus operandi* de Bolsonaro encontram-se as discordâncias e tensões com os ex-ministros da Justiça e Segurança Pública Sérgio Moro⁸, e da Saúde Luiz Henrique Mandetta e Eduardo Pazuello⁹. A despeito das peculiaridades dos casos, o ex-mandatário manifestou comportamentos semelhantes frente aos menores dissensos entre seus séquitos. Seja descartando, menosprezando ou subjugando, Bolsonaro exteriorizava seu desprezo e desrespeito a antigos aliados e seguidores. Sobre os riscos que estão expostos os aliados de tiranos, La Boétie alertou:

Seus favoritos devem lembrar-se menos daqueles que enriqueceram com o tirano e mais daqueles que, após terem acumulado riquezas por certo tempo, perderam em seguida seus bens e sua vida para ele; devem pensar

não em quantos fizeram fortuna, mas em quão poucos a conservaram (LA BOÉTIE, 2017, p. 73).

Contudo, as represálias e investidas contra desafetos, embora instigadas por Bolsonaro, contaram com o forte suporte dos grupos bolsonaristas, como sublinham Baldaia, Araújo e Araújo (2021): “A militância organizada por meio das redes digitais e com o auxílio dos instrumentos de fabricação artificial de avolumamento de comentários, curtidas e descurtidas (...) intensificam as pressões, eventualmente, insinuando e até executando agressões físicas” (BALDAIA; ARAÚJO; ARAÚJO, 2021).

Nessa perspectiva, o respaldo e apoio dos séquitos bolsonaristas revelou-se uma das principais **FONTE:s** de força política de Bolsonaro na Presidência, sobretudo na corrida eleitoral de 2022, em que as bases de apoiadores inflamadas pelas retóricas conspiracionistas e beligerantes do ex-mandatário se insurgiram em uma “guerra político-cultural” em prol de sua reeleição, levando a Servidão Voluntária ao limite.

O apagar das luzes do governo Bolsonaro: a Servidão Voluntária levada ao extremo pelo Bolsonarismo

Na última década, o Brasil vivenciou um ambiente de intensa polarização e extremismo políticos, que se difundiram entre a sociedade, contaminando as relações interpessoais familiares, sociais e profissionais (ALMEIDA, 2019; AVRITZER, 2018). Nos anos de governo Bolsonaro, esse cenário de acirramento político-social alcançou níveis progressivamente alarmantes, culminando com a conjuntura de “guerra ideológica-cultural” delineada em meio a disputa eleitoral de 2022.

Não obstante o histórico político parlamentar e as eleições vitoriosas, Jair Bolsonaro fomentou uma retórica conspiracionista sobre a lisura do sistema eleitoral brasileiro, no decorrer de todo o mandato, de maneira a mobilizar a militância contra as instituições da República, em especial, o Superior Tribunal Federal (STF) e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). À vista disso, Melo (2020) ressalta que, embora fizesse parte do sistema político por décadas e tivesse experiência com suas práticas tradicionais, Bolsonaro sempre esteve na marginalidade da política brasileira, revelando traços autoritários e antidemocráticos ainda no Congresso (MELO, 2020).

Por conseguinte, Bolsonaro expressou reiteradamente declarações dúbias ou intimidações veladas acerca de sua posição em caso de derrota eleitoral, instigando entre seus apoiadores — antes mesmo do pleito — o inconformismo e a insurreição por ocasião de um eventual fracasso nas urnas. No que concerne ao ímpeto tirânico em preservar-se no poder, Étienne elucubrou: “uma vez que se vê

acima dos outros, lisonjeado por este não sei quê, a que chamamos grandeza, decide não sair mais." (LA BOÉTIE, 2017, p. 47).

Dentre os episódios mais representativos da escalada golpista de Bolsonaro, encontra-se a reunião com embaixadores no Palácio da Alvorada, em julho de 2022, em que o ex-presidente manifestou críticas a ministros do TSE e do STF, bem como levantou suspeitas infundadas acerca da segurança das urnas e da apuração eleitoral¹⁰. Outro capítulo preocupante pôde ser assistido durante entrevista de Jair Bolsonaro ao Jornal Nacional da TV Globo, parte do ciclo de sabatinas com presidentiáveis, em que ao ser questionado sobre o respeito ao resultado das eleições de 2022, o candidato declarou: "...eleições limpas devem e têm que ser respeitadas. Limpas e transparentes tem que ser respeitadas". Todavia, ainda na entrevista, Bolsonaro fomentou novamente desconfianças em relação à segurança do sistema eleitoral.

Dessa maneira, servindo-se de retóricas conspiracionistas e insinuações golpistas, Bolsonaro incutia ainda mais furor e arrebatamento entre os séquitos bolsonaristas, exteriorizando-se sob a forma de demonstrações cada vez mais fervorosas de Servidão Voluntária. Assim, conforme a decisão eleitoral se aproximava, o radicalismo e a beligerância dos bolsonaristas se intensificavam, culminando com a propagação de dezenas de bloqueios em rodovias federais e estaduais pelo Brasil após a confirmação da vitória do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no segundo turno das eleições, em 30 de outubro de 2022.

O silêncio de Bolsonaro nos dias subsequentes às eleições estimulou rumores e especulações acerca da possibilidade de um golpe de Estado com suposto apoio das Forças Armadas. Sendo assim, grupos bolsonaristas passaram a organizar protestos e acampamentos em frente a quartéis do Exército, clamando por uma intervenção militar que impedisse a posse do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva.

Nos acampamentos de bolsonaristas, as cenas de Servidão Voluntária tornaram-se ainda mais exorbitantes, caricatas e excêntricas, com bolsonaristas realizando grupos de orações, pedindo ajuda de extraterrestres, subindo em dianteira de caminhão em movimento, comemorando exaltadamente notícias falsas de revogação de resultado eleitoral, da prisão do ministro Alexandre de Moraes, ou mesmo, acreditando que algum revés ocorreria dentro de 72 horas.

Assim, as expectativas em torno das "72 horas" repetiram-se recorrentemente entre os grupos bolsonaristas dispersos em acampamentos pelo país, mantendo a coesão e o engajamento dos apoiadores do ex-presidente no decorrer das semanas subsequentes ao pleito eleitoral. As posturas de devoção a tiranos, que puderam ser observadas nas ações antidemocráticas de seguidores de Bolsonaro, também figuram entre os aspectos abordados por Etiénne:

[...] em todas as épocas, os tiranos, para assegurarem seu poder, empreenderam esforços para habituar o povo a sua autoridade, e não só à obediência e à servidão, mas também à devoção (LA BOÉTIE, 2017, p. 68).

Embora os ‘acampados’ bolsonaristas vociferassem pela liberdade de expressão e protesto, sob o pretexto do temor comunista que o governo de Lula representaria, também bradavam por uma intervenção militar pelas Forças Armadas. Dessa maneira, os militantes golpistas ignoravam deliberadamente não apenas a inconstitucionalidade — e irracionalidade — da “reivindicação”, mas também os 21 anos de ditadura militar no Brasil, em que liberdades e direitos civis foram cerceados e reprimidos.

A respeito da crença desvairada entre apoiadores de tiranias de que sua segurança e sua liberdade se encontram resguardadas, mesmo sob arbítrio de um tirano, La Boétie contrapõe tal vislumbre, a partir de uma análise sobre a riqueza e a propriedade:

como se alguém pudesse de fato possuir algo sob o regime de um tirano (...) sem lembrar que eles mesmos dão força ao rei para tirar tudo de todos e não deixar nada que alguém possa chamar de propriedade (LA BOÉTIE, 2017, p. 72).

As ações bolsonaristas escalaram em gravidade, alcançando a culminância em 8 de janeiro de 2023, quando grupos de bolsonaristas, após meses acampados em frente ao Quartel General do Exército em Brasília, se dirigiram em marcha à Praça dos Três Poderes, executando atentados terroristas ao Palácio do Planalto, ao Congresso Nacional e ao STF.

Em um dos episódios mais desoladores e trágicos da História Brasileira, a sociedade assistiu às cenas de destruição e vandalismo com o patrimônio público, histórico e cultural nacional, em que bolsonaristas invadiram as sedes dos Três Poderes da República, depredando mobiliário, obras de arte, documentações e monumentos históricos.

Articulado e financiado por grupos bolsonaristas, o ataque de 8 de janeiro ascendeu suspeitas acerca da leniência e omissão das forças de segurança e de autoridades do Distrito Federal. À vista da complexidade e excepcionalidade do cenário, a prisão dos ‘golpistas de 8 de janeiro’ foi determinada pelo ministro do STF Alexandre de Moraes, assim como investigações e inquéritos foram instaurados nos âmbitos da Polícia Federal, Ministério da Justiça e Segurança Pública e Superior Tribunal Federal.

Considerações finais

O ataque de 8 de janeiro de 2023 marcou tragicamente a História Brasileira, bem como representou o ápice do extremismo bolsonarista e dos efeitos perversos da Servidão Voluntária. Ao longo dos excruciantes anos sob os ímpetos tirânicos de Bolsonaro, as instituições e a democracia brasileiras foram ameaçadas e afrontadas pelo ex-mandatário e pelo bolsonarismo, tendo suas capacidades de resiliência e relutância reiteradamente desafiadas.

Nesse sentido, embora La Boétie desenvolva valorosas análises e concepções sobre governantes tirânicos e a Servidão Voluntária, a obra *'Discurso da Servidão Voluntária'* reforça, sobretudo, o protagonismo de povos e sociedades na luta pela liberdade e autonomia frente a tiranias, como expresso no excerto:

quem se dispuser a estudar os fatos do passado e os anais da antiguidade encontrará poucos ou nenhum indivíduo que, vendo seu país mal-governado por mãos incompetentes e tendo agido com a boa, íntegra e autêntica intenção de libertá-lo, não tenha conseguido fazê-lo (LA BOÉTIE, 2017, p. 56).

A partir dessa passagem, pode-se depreender que, a despeito das dificuldades, provações e desgastes causados pelo bolsonarismo, a democracia e expressiva parcela da sociedade brasileiras mantiveram-se sólidas e resistentes aos arroubos tirânicos. Entretanto, as ameaças autoritárias nunca desvanecem completamente, requerendo conscientização e reflexão constantes, visto que “os livros e a doutrina, mais que tudo, dão ao homem o senso e a lucidez necessários para compreender sua própria natureza e odiar a tirania.” (LA BOÉTIE, 2017, p. 57).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. DE. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos - CEBRAP**, v. 38, n. 1, p. 185–213, 2019.
- AVRITZER, L. O pêndulo da democracia no Brasil: uma análise da crise 2013-2018. **Novos Estudos - CEBRAP**, v. 37, n. 1, p. 273–289, ago. 2018.
- BALDAIA, F. P. B.; ARAÚJO, T. M.; ARAÚJO, S. S. DE. **O Bolsonarismo e o Brasil profundo: notas sobre uma pesquisa**. XVII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. **Anais...** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2021. Disponível em: <<https://www.ptonline.com/articles/how-to-get-better-mfi-results>>
- BRASIL., T. S. ELEITORAL. **Eleições 2018: Justiça Eleitoral conclui totalização dos votos do segundo turno**. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Outubro/eleicoes-2018->

justica-eleitoral-conclui-totalizacao-dos-votos-do-segundo-turno>. Acesso em: 10 fev. 2023.

ÉTIENNE DE LA BOÉTIE. **Discurso sobre a servidão voluntária**. 1ª ed. São Paulo: Edipro, 2017.

GOMES, L. R. Autoritarismo de múltiplas faces no Brasil: antissemitismo, bolsonarismo e educação. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 14, p. 1–23, 29 out. 2020.

GRANDI, F.; PINHEIRO, H. Da servidão ao dever constitucional: uma reflexão sobre liberdade a partir de La Boétie. **Revista Jurídica da Presidência**, v. 24, n. 134, p. 773–794, 30 dez. 2022.

KARNAL, L. A dor da liberdade e o amor da servidão. Em: VIEIRA, J. L.; MICALES, M. L. V. (Eds.). **Discurso sobre a servidão voluntária**. 1ª ed. São Paulo: Edipro, 2017.

MELO, D. O Bolsonarismo como facismo do século XXI. Em: REBUÁ, E. et al. (Eds.). **(Neo)facismos e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. p. 12–46.

PETRARCA, F. Uma janela no tempo: a ascensão do Bolsonarismo no Brasil. **Revista TOMO**, n. 38, p. 339–371, 1 jan. 2021.

SOUSA, M. R. S. A verdade inconveniente de Étienne de La Boétie e a formação da realidade política brasileira. **Revista Manguio Acadêmico**, v. 2, n. 3, p. 86–91, 2017.

YAZBEK, A. C. Notas sobre a natureza, a liberdade e a tirania no Discurso da servidão voluntária de Étienne de La Boétie. **Revista Ética e Filosofia Política**, v. 1, p. 183–198, 2020.